

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



*Artur Azevedo*

*O Barão de Pituaçu*

( Teatro )



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Artur Azevedo

## *O Barão de Pituaçu*

---

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo  
(1855 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 317**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “*O Barão de Pituacu*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

*Teatro*. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

*Academia Brasileira de Letras*  
*Fevereiro, 2014*

# O BARÃO DE PITUAÇU

## OPERETA EM QUATRO ATOS

( 1887 )

### PERSONAGENS / ATORES

BERMUDES  
Senhor BAHIA  
DOUTOR ALBERTO  
Senhor COLAS  
DOUTOR GOUVEIA  
Senhor CORREIA  
JOSÉ, moleque  
Senhor PEIXOTO  
SINFRÔNIO  
Senhor S. SILVA  
O FEITOR  
Senhor GERMANO  
O COZINHEIRO  
Senhor FILIPE  
QUINCAS  
UM SUJEITO  
MILU  
Dona FANNY  
JEANNETE (*cocote*)  
Dona BLANCHE  
CATARINA  
Dona FELICIDADE  
FRASQUITA (*cocote*)  
Dona CANDELÁRIA  
MARIANA (*cocote*)  
MARION (*cocote*)

*Espectadores, criados de botequim, cocotes, etc.*

## ATO PRIMEIRO

*Sala bem mobiliada em casa de Alberto. Uma porta à direita, outra á esquerda e outra ao fundo.*

### CENA I

MILU, *sentada a ler um livro* e ALBERTO, *que entra calçando as luvas*

MILU - Vais sair?

ALBERTO - Vou.

MILU - São quase horas de jantar.

ALBERTO - Não janto em casa.

MILU (*Deixando o livro.*) - Não jantas em casa?

ALBERTO - Não. Pois tu mesma não recebeste um chamado urgente pelo telefone? Vou ver um doente no Pedregulho.

MILU - Maldita profissão. Não há meio de ficares duas horas em casa!

ALBERTO - Que queres, Milu? Se assim não fosse, estávamos bem aviados!

MILU - Se eu soubesse que havia de passar uma vida assim, não casava com um médico.

ALBERTO - Você bem sabia... por que quis?

MILU - Ora! eu vejo outras que são também casadas com médicos, e têm sempre os maridos ao pé de si, e não têm telefone em casa...

ALBERTO - Infelizmente para eles isso quer dizer que não têm clinica. A vida patriarcal não se coaduna com a profissão de médico.

MILU - O que é sei eu.

ALBERTO - Que é?

MILU - Eu sei.

ALBERTO - Explica-te.

MILU - Ora, você bem sabe... O que eu desejo é que não suponha que eu sou tola.

ALBERTO - Não te entendo.

MILU - É; a Medicina é a capa. O telefone serve para arredar suspeitas. *(Erguendo-se.)* Maldita hora em que a gente saiu da Bahia. Lá ao menos não há umas mulheres tão assanhadas como aqui na Corte.

ALBERTO - Bom, agora ciúmes! Iaiazinha, vê que já estamos casados há dois anos, e que isto é ridículo.

MILU - Eu bem sinto que já não sou para o senhor a mesma que dantes era. O senhor, na Bahia, também clinicava, e nunca passou noites fora de casa, e jantava sempre com sua mulher. É verdade que lá não tínhamos telefone.

ALBERTO - Censuras-me por ter metido em casa esse melhoramento? Ora, valha-te Deus!

*Coplas*

ALBERTO

Dantes pro médico ter clínica  
E aos seus doentes fazer fé,  
Devia ter tílburí próprio,  
Nunca jamais andar a pé!  
Hoje, porém, se quer o médico  
Na bolsa alguns vinténs meter,  
Além do mencionado tílburí,  
Um telefone deve ter,  
Sim, meu amor, além do tílburí,  
Um telefone deve ter.

MILU - Pois sim, mas foi preciso que a gente viesse para esta terra para o senhor mudar de vida, que nem parece o mesmo.

ALBERTO - Milu, eu afirmo-te...

MILU *(Chorando.)* - Vá para o diabo! Qualquer dia meto-me num vapor e vou para a casa de meus pais.

ALBERTO - Vem cá... Valha-me Deus!



MILU (*Repelindo-o.*) - Lá ao menos há quem me estime.

ALBERTO - Não digas tolices... ouve...

MILU - O que mais me dói é o senhor querer fazer-me de tola. Eu não nasci ontem, nem sou nenhuma inocente. Podia dizer logo: "Milu, eu gosto de Fulana e não gosto de você."

ALBERTO - Para que lhe havia de dar!

MILU - Ainda ontem achei no seu bolso um ramo de violetas.

ALBERTO - Comprei na Rua do Ouvidor.

MILU - Saia daí!

ALBERTO - No ponto dos bondes de Vila Isabel. Pergunta ao Viana da Charutaria. Ele viu.

MILU (*Chorando.*) - Sou muito infeliz!

ALBERTO - Sabes que mais? Não estou para te aturar!

MILU - Isso sei eu muito bem. Pois dê cá trezentos mil réis, e no dia dez embarco no *Espírito Santo*. Morta por isso estou eu.

ALBERTO - A senhora deve estar onde estiver seu marido! MILU - Isso é se eu tivesse marido. O senhor é meu hóspede e nada mais. Passam-se horas e horas e eu aqui sozinha.

Voz DE GOUVEIA - Pode-se entrar?

ALBERTO - Olha, aí tens o Gouveia para te fazer companhia. (*Gritando.*) Entra, Gouveia. (*A Milu.*) Já não te podes queixar.

MILU - Antes só do que mal acompanhada.

## **CENA II**

MILU, GOUVEIA e ALBERTO

GOUVEIA - (*Apertando a mão de Alberto.*) - Vais sair?

ALBERTO - Vou, mas fica. Faze companhia a minha mulher, que está muito nervosa. Janta com ela.

GOUVEIA (*Aproxima-se de Milu, apertando-lhe a mão.*) - Então, que tem, Dona Milu?

MILU - Nada.

GOUVEIA - Há de ser do tempo.

ALBERTO (*Descendo.*) - Ia-me esquecendo... tem paciência, Milu; vai ao gabinete buscar o meu estojo. (*Saída falsa de Milu, para a direita baixa.*)

GOUVEIA - Quando percebi que era Dona Milu que estava no aparelho, disfarcei o mais que pude a voz. Gostaste? Mandei-te para o Pedregulho. Não podia ser mais longe.

ALBERTO - És um grande homem.

GOUVEIA - Vais jantar com a Jeannette?

ALBERTO - Vou. Desde ontem que não a vejo.

GOUVEIA - Decididamente: vocês estão caídos um pelo outro.

ALBERTO - Eu estou, ela não sei. Que queres? Pago o meu tributo. Casei tão moço...

GOUVEIA - E a Jeannette é tão bonita!...

ALBERTO - O diabo é que minha mulher anda com a pedra no sapato.

GOUVEIA - Sim?

ALBERTO - Já desconfia do próprio telefone. Oh! esperta é ela...

GOUVEIA - Olha lá, hein? Seria melhor que te deixasses disso... Dona Milu é provinciana... tem um arzinho de santa, mas é muito sagaz... Eu sou mais velho que tu e posso dar-te conselhos.

ALBERTO - Guarda-os para quem tos pedir. (*Gritando.*) Então? O estojo? (*A Gouveia.*) Eu peço-lhe sempre o estojo para disfarçar... É um trambolho que levo na mão. (*Vendo entrar Milu e disfarçando.*) Mas dizias tu...

GOUVEIA - Que há três dias não saio da Secretaria da Agricultura. O Ministro me considera muito, mas não há meio de lhe apanhar um engenho-central para o Comendador Salgado.

ALBERTO - Deveras? *(Toma o estojo das mãos de Milu.)*

GOUVEIA - Já desisti. Era negócio para meter cinco ou seis contos no bolso sem trabalhar.

ALBERTO - Não há como ser advogado.

GOUVEIA - Administrativo, meu amigo, administrativo. Não confundas.

ALBERTO - Até logo. Ó Gouveia, vê se aplacas os nervos de minha mulher. *(Quer dar um beijo em Milu, ela volta-lhe o rosto.)* Tolinha... *Adieu! (Sai ao fundo. Gouveia acompanha-o até a porta.)*

### **CENA III**

GOUVEIA e MILU

GOUVEIA - Então? sempre com ciúmes de seu marido?

MILU - Olhe, seu doutor, eu lhe previno que se vem repetir as bobagens do outro dia, fecho-me no meu quarto e não lhe apareço mais.

GOUVEIA - Por que há de ser assim tão ingrata, Dona Milu? Eu amo-a como ninguém a amou nesta vida; consagrei-lhe todos os meus cuidados, todos os meus pensamentos... e a senhora faz-me sofrer tormentos que o Dante não imaginou para o seu inferno! Sacrifiquei-lhe tudo, tudo! até o meu próprio futuro político. O Ministro do Império, que me considera muito, ainda há dias me ofereceu a presidência do Sergipe... Recusei, recusei porque não queria interpor tantas léguas entre os seus lábios e os meus!

MILU - Que atrevimento! *(Quer sair para a direita.)*

GOUVEIA *(Embargando-lhe a passagem.)* - Atrevimento, sim, porque o meu amor é atrevido. Já não estou na idade em que as paixões são balbuciantes e tímidas. Por isso, expando-me com o risco de ofendê-la e magoá-la. Oh! mas creia que não é esse o meu desígnio! Adoro-a, e sentiria muito causar-lhe o menor desgosto.

*Romance*

O amor em meu peito mora  
E o faz com força bater.  
E tão casto como a aurora  
Por trás do monte a nascer,  
Senhora!  
Senhora!  
Não vê que me faz sofrer?

Piedade um triste implora  
E não lhe ofende o pudor:  
Um anjo do céu não cora  
De ouvir qualquer pecador.  
Senhora!  
Senhora!  
Não vê que morro de amor?

*(Declamando.)* Então não me responde?

MILU - Respondo que não sei o que mais admire: se o seu atrevimento, se o cinismo com que o senhor engana o Alberto, que tão seu amigo se mostra, e sai de casa deixando-nos sozinhos e até lhe recomendando que me aplaque os nervos.

GOUVEIA - Ora, o Alberto! Mas a senhora não vê que o abomino, que o odeio... e que se finjo ser amigo dele é para estar ao lado da senhora... falar-lhe... expor-lhe os meus tormentos, e pedir a misericórdia do seu amor.

MILU - O senhor tem palavreado... mas para cá vem de carrinho. Hei de ser sempre a esposa honesta que até hoje tenho sido... E sinto-me tão forte nesta minha elevada resolução, que se não chamo o feitor para pô-lo no meio da rua, é porque tenho toda a confiança em mim. O senhor está muito enganado se me supõe como essas moças da Corte, que vão atrás de cantigas de bacharéis. Boas!

GOUVEIA - Oh! não imagine um momento que eu a confunda com outra mulher! Nem a própria Vênus Capitolina... nem a Gioconda de da Vinci seriam capazes de substituí-la no meu pensamento. Quer saber duma coisa? Ainda a semana passada estive em casa do Ministro da Guerra, que me considera muito, e lá encontrei uma das senhoras mais lindas, mais espirituosas e mais provocantes do Rio de Janeiro. Ela o que fez, Santo Deus, ela o que fez para que eu queimasse iucenso e mirra nos seus altares. Resisti, porque a sua imagem,

Dona Milu, de tal forma me enche o espírito, que não há meio de ocupá-lo com outra mulher!

MILU - Pois olhe, faz mal; se realmente precisa de distrações desse gênero, convença-se de que errou a porta. Acho bom que o senhor aproveite a boa fortuna que encontrou em casa do Ministro da Guerra, mas ainda melhor me parece que aceite a presidência de Sergipe. Dizem que em Sergipe há moças muito bonitas.

GOUVEIA - Não zombe assim do meu afeto. Não me obrigue a recorrer a meios extremos para alcançar a sua piedade!

MILU - De que meios extremos quer falar?

GOUVEIA - Cá sei.

MILU - Diga! Não gosto de reticências!

GOUVEIA - Não... Para que afligi-la?

MILU - Pois é coisa que me possa afligir?

GOUVEIA - Naturalmente. Trata-se de pessoa que lhe toca muito de perto.

MILU - De meu marido? Sabe alguma coisa a seu respeito?

GOUVEIA - Não... não... senhora... esqueça-se das minhas palavras.

MILU - Oh! Conte-me tudo, pelo amor de Deus! Há muito tempo que desconfio... e quero ter certeza...

GOUVEIA - É melhor que não a tenha.

MILU - Mas não vê que isso vai ser o meu desespero? Diga-me tudo.

GOUVEIA - Não lhe digo nada.

MILU - Nesse caso sabê-lo-ei dos próprios lábios de meu marido. E então conto-lhe tudo. Digo-lhe que foi o senhor quem me deu o almiré para seduzir-me.

GOUVEIA - Não faça isto!

MILU - Se o senhor teima em estar calado, convenço-me de que pretendeu caluniá-lo!

GOUVEIA - Caluniá-lo?!... Eu?!... Oh!... A senhora não me conhece!

MILU - Para certos homens, todos os meios são bons para conseguirem os seus fins.

GOUVEIA - Pois a senhora acredita que, se seu mando fosse um modelo de fidelidade conjugal, eu ousaria declarar-me, como tenho feito?

MILU - Diga-me tudo. Olhe que se arrepende.

GOUVEIA - Pois bem, já que a todo transe o quer saber, saiba-o: - Ele tem uma amante!

MILU - Uma amante!...

GOUVEIA - Uma amante, sim senhora. Uma mulher por quem a despreza, por quem a substitui infamemente! (*Milu fica estática. Gouveia toma-lhe a mão, e continua com fogo.*) Enquanto a senhora sozinha, aborrecida, metida entre estas quatro paredes, pensa em seu esposo e aguarda ansiosamente o momento em que ele volte da rua, para recebê-lo com singelos e honestos carinhos; ele delicia-se lá fora nos braços de uma cortesã, e traz para o lar doméstico o rosto sulcado por beijos vendidos. Essa ingratidão fez com que o meu amor recrudescesse. Não é só amor; é também piedade. Ofereço-lhe um coração virgem de afetos... um coração onde a senhora entrou sem desalojar ninguém... um coração que de noite e de dia palpita por ti... (*Transportado.*) Oh! não imaginas como te amo e como sofro por te amar assim. Dize-me, dize-me que poderei alimentar uma vaga esperança de que os teus rigores cessarão um dia. (*Pausa.*) Então, Milu? Não me respondes? Dize-me; posso esperar?

MILU (*Retirando a mão e afastando-se.*) - Me deixe.

GOUVEIA (*À parte.*) - É minha.

#### **CENA IV**

GOUVEIA, MILU, JOSÉ, *depois* BERMUDES

JOSÉ (*Entrando a correr.*) - Iaiazinha! Iaiazinha! Uma grande notícia: *Sinhô* Bermudes, o tio de ioiô, vem aí.

MILU - Que dizes?!

JOSÉ - Vem de carro. Quando dei com ele, já vinha atravessando o jardim!

MILU - Que felicidade!

A voz DE BERMUDES - Ó de casa! Ó de casa!

MILU (*Correndo para a porta.*) - Entre! Entre!

BERMUDES (*Entrando.*) - Ora Deus Nosso *Sinhô esteje* nesta casa. Venha de lá um abraço, laiá! (*Abraça-a.*)

*Tango*

Chega agora da Bahia, Com três *dia*,  
Com três *dia* de *viage*...  
Pra um homem *andá* nas ondas  
hediondas,  
É preciso ter *corage*!

Não gostei d'água *sargada*,  
Só me agrada,  
Só me agrada água do pote.  
*Tava* o barco tão danado, que, enjoado,  
Não saí do camarote.

Mas, finalmente,  
Graças a Deus,  
Aqui estou *co* minha gente,  
Aqui estou *co* filhos meus.

(*Declamando.*) Então vocês não quiseram ir me *buscá* a bordo?

MILU - Não sabíamos que vossemecê viesse.

BERMUDES - Como não sabia? Então o telegrama?

MILU - Que telegrama? Não recebemos telegrama algum!

BERMUDES - Antes de embarcar, passei um telegrama para o meu sobrinho.

MILU - Até agora não o recebemos.

BERMUDES - *Home!* Pois vinha a casa e o nome, tudo direitinho.

MILU - Provavelmente se desencaminhou. O serviço é tão mal feito.

BERMUDES - Eu, quando digo que isto de *porguesso* é tudo uma farofada! Faça *favô* de me *dizê pra* que serve o telégrafo?

MILU - Mas, dê-me... dê-me notícias do papai, da mamãe e do Tônico.

BERMUDES - *Tá* tudo bom, iaiá! O compadre teve umas *febrinha*, mas não foi coisa de cuidado. Foi para cinco dias na Itaparica e se *arrestabeleceu*. A comadre, essa não há mal que lhe chegue, e meu afilhado está empregado em negócio de estrada de ferro. *Tá* mesmo um doutorão o diabo do engenheiro, e muito bonito moço, benza-lhe Deus. Anda namorando uma moça da Rua Quinze *Mistério*, e aquilo *tá* ali, *tá* de casamento tratado. (*Dando com José.*) Olha isto! O diabo deste moleque como está um homem.

JOSÉ - Bênção!

BERMUDES - Deus te faça branco. Anda, vai lá na *carruagem* *buscá* minha mala e o resto. (*José sai ao fundo. A Milu.*) Teu pai te mandou três *quartinha*... uma se quebrou na *viagem*... Tua mãe te mandou um cesto de manga e um frasco de doce de araçá feito pela Maximiniana. O Tônico te mandou *muita* *arrecomendações*.

MILU - Maximiniana está boa?

BERMUDES - *Tá boa*. Inda a semana passada, teve um moleque.

GOUVEIA - Dona Milu, tenha a bondade de me apresentar a seu tio.

MILU - Ah! desculpe. (*Apresentando-o.*) O Senhor Doutor Gouveia.

GOUVEIA (*Apertando-lhe a mão.*) - Já o conhecia de nome. É muito estimado nesta casa.

BERMUDES - *Vossoria* é *doutô* em Medicina ou em *Leses*.

GOUVEIA - Sou advogado.

BERMUDES - E é amigo de meu sobrinho?

MILU - Oh! muito! muito amigo de meu marido.

GOUVEIA - Para o servir, meu caro senhor.



BERMUDES - Encontra-se a necessidade *co* desejo, porque eu vim *na* Corte *tratá* daquela questáozinha das *terra*. (A Milu.) *Te alembras?* O Coroné Casimiro tomou conta do que é meu, e não há forças *humana* que *ponha* aquele desavergonhado de lá para fora. O *persidente* da *Provinça* caçoou comigo até agora, hoje amanhã, hoje amanhã, não houve meio de *fazê* com que o *home* despache meus *papé*.

GOUVEIA - Oh! descanse; há juízes em Berlim.

BERMUDES - Que me importa os de Berlim! Eu quero é que haja disso no Rio de Janeiro. O compadre, que é *home sisudo* me aconselhou que viesse me *entendê* diretamente *co* Ministro, e eu vim.

GOUVEIA - Creia que não pôde confiar a sua causa em melhores mãos que as minhas, porque o Ministro me considera muito.

BERMUDES - Ora muito que bem, porque toda a minha desgraça foi ter ido atrás de um *rábule* muito ordinário, um tal Secundino Barbosa.

GOUVEIA - O senhor trouxe os seus documentos?

BERMUDES - *Tá* tudo aqui. (Tira uma papelada do bolso.) Trago sempre os *documento* no bolso, porque o seguro morreu de *véio*.

GOUVEIA (Tomando os papéis.) - *Dá* licença?

BERMUDES - Tem toda, seu *doutô*. (Gouveia senta-se à mesa e dispõe-se a examinar os papéis.)

MILU - Seu doutor, entre para o gabinete do Alberto, e lá examinará esses papéis à vontade. Preciso conversar com meu tio.

GOUVEIA - Pois não, minha senhora. Com licença. (Sai pela porta da esquerda.)

## CENA V

BERMUDES e MILU

BERMUDES - É um *home* bem apessoado. É mesmo um advogado, não?

MILU - Parece... Eu pouco entendo destas coisas.

BERMUDES - Ele disse que é amigo do Ministro... É mesmo?...

MILU - Sei lá... O mesmo diz de toda a gente que tenha certa posição. Está sempre se gabando das amizades e da importância que tem... e dos empregos que lhe oferecem e não aceita. Só sei que quis ser deputado e teve dez votos. Já ouvi dizer que escreve nas folhas, defendendo o Governo, mas já ouvi também dizer que isso não é exato... que ele é que se gaba que os artigos são seus...

BERMUDES - Nesse caso é um *home* todo cheio de imposturias?

MILU - Não... não sei com certeza, é o que se diz... No Rio de Janeiro mente-se tanto. E quando assim fosse? Julga vossemecê que nesta terra a mentira seja um vício, e a hipocrisia uma infâmia? Demore-se quinze dias na Corte e verá que não estamos em Camamu.

BERMUDES - Terra grande, iaiá, terra grande... isso é que eles *diz* que é *porquesso*. Mas, meu sobrinho? Por onde anda? *Se demora muito?*

MILU - É dele justamente que lhe quero falar.

BERMUDES - *Apois.*

MILU - Vossemecê não podia chegar mais a propósito.

BERMUDES - Por que, iaiá? Temos novidades no beco? (*Milu quer falar, mas é acometida pelo pranto, e atira-se nos braços de Bermudes, chorando dolorosamente.*) Que é isto, iaiá? Que tem você? Por que está chorando?

MILU - Eu sou a mais infeliz das mulheres!

BERMUDES - Uê!

MILU - Alberto é um mau marido.

BERMUDES - Mau marido? Meu sobrinho?

MILU - Há dois anos apenas estamos casados, e já me despreza e abandona por causa de outra mulher...

BERMUDES - Por causa de outra *muié!* Não é *possive!* Tire por fora, iaiá. Meu sobrinho é um *home* de bem. Quem foi que lhe meteu isso na cabeça?

MILU - Não queira saber por que meio vim ao conhecimento desta verdade terrível. O que é certo é que meu marido tem uma amante.

BERMUDES (*Tapando vivamente a boca de Milu.*) - Bico, iaiá! não diga nomes feio. Ó meu Nosso Sinhô do Bonfim, é preciso vir ao Rio de Janeiro para ouvir certos nomes na boca das *moça*. - Não acredito nessa *demoralízage*. Meu sobrinho era incapaz de se meter com outra *muié*... (*Milu continua a chorar. Fazendo-lhe festas.*) Coitadinha da iaiá!... Não chore. Deixe que, se isso for verdade, eu e seu marido *ajustemo* nossas *continha*... Mas não chore, não chore, iaiá. Mesmo antes de *jantá*, eu mostro a ele de quantos paus se faz uma jangada.

MILU' - Alberto não vem jantar em casa.

BERMUDES - Pois ele deixa de *jantá* com iaiá?

MILU - Não só deixa de jantar comigo, como me faz ficar na companhia desse Doutor Gouveia, que daqui saiu, recomendando-lhe que me aplaque os nervos.

BERMUDES - Nervo de boi merecia ele no lombo. Minha Nossa *Sinhora!* Numa ocasião que devia ser de tanta alegria, venho te *encontrá* chorando. Ora, meu sobrinho! Deixe *está*, iaiá. O negócio fica por minha conta, mas há de me *prometê* que não chora mais.

MILU - Pois bem, restitua-me Alberto tal qual era há um ano, e só me verá sorrir.

BERMUDES - Deixa a coisa comigo.

## CENA VI

BERMUDES, MILU e JOSÉ

JOSÉ (*Entrando.*) - Iaiazinha, eu pus as malas do Senhor Bermudes no quarto dos hóspedes.

MILU - Fizeste bem.

JOSÉ - Firmina está pedindo a chave da despensa.

MILU - Eu vou lá. Vou dar algumas ordens para o jantar. Quando quiser, vá entrando... o seu quarto está preparado. (*Sai pela direita baixa.*)

JOSÉ (*Consigo.*) - Coitadinha! como chorou!

## CENA VII

BERMUDES e JOSÉ

JOSÉ (*A Bermudes, que ficou pensativo.*) - *Sinhô* Bermudes está cada vez mais moço!

BERMUDES - Cala a boca, moleque! Tu continuas a ser pernóstico... e então, agora na Corte, faço idéia!

JOSÉ - Ih! *Sinhô* Bermudes não imagina. Eu me matriculei cidadão fluminense. Já conheço esta cidade na palma das mãos! Quando vossemecê quiser passear, me leve, e eu lhe mostro como estou um carioca da gema! Até já tenho partido...

BERMUDES - Partido! Pois aqui moleque também se mete em política?

JOSÉ - Não é partido político, não *sinhô*. Como político, eu sou republicano. É partido de *capoeirage*. Eu sou guaiamu.

BERMUDES - Tu é o quê, moleque do diabo?

JOSÉ - Guaiamu, legítimo guaiamu, de princípios. Esse partido é a facção mais adiantada da flor da gente. Quando houver rolo, hei de convidar o *Sinhô* Bermudes.

BERMUDES - *Apois.*

JOSÉ. - Verá como eu sei entrar bonito. (*Fazendo uns passes de capoeira.*)

BERMUDES - Pra lá, moleque!

*Coplas*

JOSÉ

A fama já me apregoa,  
Eu sei armar um chinfrim,  
Não há na Corte pessoa  
Que não se esconda de mim.  
Sou formado em capoeira,  
pois talento tenho até,  
no pé!

Pra passar uma rasteira,  
O Brasil como eu não tem  
ninguém!  
Olá!  
Nesta terra não há,  
Olé!  
Pé melhor que o meu pé,  
Oh!  
Quem me disse não viu,  
Olô!  
Sou feliz porque sou,  
Olu!  
Porque sou guaiamu!  
Quis a polícia levar-me  
Um dia para o xadrez,  
E para catrafilar-me  
Os pândegos eram três.  
Com três belas cabeçadas,  
Pus a todos três no chão,  
Pois não!  
E soltando gargalhadas,  
Esquipático fugi  
Dali!  
Olá, etc.

*(Declamando.) Sinhô Bermude, pode-se informar. Não há aí quem não conheça o Zeca Baiano! Agora, não imagine que eu sou um mau moleque. Não, sinhô! Olhe, por iaiazinha, aqui está quem é capaz de se atirar ao fogo.*

BERMUDES - E por meu sobrinho?

JOSÉ - Ioiô é homem... não precisa tanto de minha amizade - Quem dera que ele estimasse tanto iaiazinha como eu.

BERMUDES - Moleque, tu *está* pondo defeito em teu sinhô?

JOSÉ - Ora! Então o Senhor Bermudes pensa... que eu não ouvi tudo?

BERMUDES - Tudo o quê?

JOSÉ - As queixas e as lágrimas de iaiazinha. Para que serve a porta do quarto, senão para a gente ouvir o que se diz na sala?

BERMUDES - Então, seu diabo... você sabe quem é essa desavergonhada que meu sobrinho tem fora de casa...

JOSÉ - Eu, *Sinhô Bermude*? Eu não me meto com a vida de ioiô. Posso ver as coisas, mas é como se não visse nada. Bem sei que ela é francesa e que se chama Jeannette, bem sei, mas desta boca nunca saiu nada a esse respeito. Não *sinhô*; ninguém pode dizer que Zeca Baiano seja linguarudo.

BERMUDES (*Depois de pensar.*) - Pois olha; *amenhá* hás de me *levá na casa* dessa francesa. Tenho o meu plano!

JOSÉ - O melhor é arranjar isso com a lavadeira dela -, uma ilhoa minha conhecida, que mora num cortiço na Cidade Nova. É melhor que vossemecê se entenda com essa mulher.

BERMUDES - *Tá bom, vou pensá*; esta noite hei de *arresorvé* tudo e *amenhá* de *menhá* te falo.

JOSÉ - Mas, *Sinhô Bermudes* não diz nada a ioiô que fui eu quem disse.

BERMUDES - Não digo, não. Fica descansado.

JOSÉ - Aí vem iaiazinha.

## CENA VIII

BERMUDES, JOSÉ e MILU

MILU (*Entrando.*) - Vamos jantar.

BERMUDES - Vamos, iaiá... eu confesso que estou morrendo de fome. A bordo não comi nada.

MILU - José, vai ao gabinete e diz ao Senhor Doutor Gouveia que venha jantar. Vamos indo.

BERMUDES - Iaiá não espera o homem?

MILU - Ele conhece a casa e infelizmente não é de cerimônia.

BERMUDES - *Apois. (Saí com Milu pela direita baixa.)*

## CENA IX

JOSÉ, depois GOUVEIA

JOSÉ (*Só.*) - Eu disse tudo porque parece que é em benefício de iaiazinha. Se este tabaréu acabar com as *bilontrages* de ioiô, merece uma comenda. (*Chamando à porta.*) Jantar!

GOUVEIA (*Entrando com uma carta na mão.*) - Em vez de examinar os papéis do velho, escrevi uma carta a Milu. Hei de arranjar meios de fazer com que lhe chegue às mãos.

JOSÉ - Iaiazinha e *Sinhô Bermude* já estão na mesa.

GOUVEIA (*Consigo.*) - Homem, este moleque... (*Alto.*) Vem cá... queres ganhar uns cobres?

JOSÉ - Isso não se pergunta.

GOUVEIA - Entrega esta carta a Dona Milu. (*José tem um movimento de indignação, mas contém-se.*) Não é o que supões... o assunto desta carta é muito sério.

JOSÉ (*Sorrindo.*) - Posso então entregar na presença de ioiô?

GOUVEIA (*Vivamente.*) - Não!

JOSÉ (*Sorrindo e tomando a carta.*) - Seu *doutô*, para me *enganá* era preciso que nascesse de novo e se formasse outra vez.

GOUVEIA - Vamos, deixa-te de luxos... Toma. (*Quer dar-lhe dinheiro.*)

JOSÉ - Guarde o seu dinheiro. Nada de pagamento adiantado. Pode ser que não faça a coisa a seu gosto.

GOUVEIA - É provável que ela responda. Na ocasião em que me trouxeres a resposta, podes contar com dez mil réis. (*Saindo.*) Todo o cuidado, hein?... todo o cuidado! (*Sai.*)

JOSÉ (*Só.*) - Que patife! que grande patife! Deixa estar, que te ensino!... iaiazinha, coitada!... tão pura!... tão séria!... tão virtuosa, que nem parece uma senhora casada. (*Abrindo a carta com um movimento impetuoso e febril.*) Bendita a hora em que ela se lembrou de me ensinar a ler.

A voz DE MILU - José!

JOSÉ (*Sem prestar atenção e lendo a carta.*) - "Meu doce amor"... Tratante!  
"Convence-te de que te mereço muito mais do que esse Alberto que não sabe apreciar-te devidamente."

A voz DE MILU - José, vem servir a mesa, José!

JOSÉ - Já vai, laiazinha. (*Continuando a ler.*) "Se corresponderes a este afeto sublime"... (*Guardando a carta.*) Bom, por ora, não preciso saber o resto. Deixa estar, que hás de receber uma boa lição das mãos dum negro.

## CENA X

JOSÉ e BERMUDES

BERMUDES (*Entrando com um guardanapo na mão. Música até o final.*) - Então, moleque, não ouves? Que estás fazendo metido na sala de visitas? (*Toque de campainha elétrica na porta.*)

JOSÉ - Tem gente aí. (*Saída falsa pelo fundo.*)

BERMUDES - A hora é má. Quando a janta tá na mesa, não se *arrecebe* visita.

JOSÉ (*Voltando com um telegrama na mão.*) - É o telegrama. (*Dá-lhe.*)

BERMUDES - O meu telegrama! Eu cheguei primeiro! Quando digo que isto de *porquesso* é uma farofa... (*Sai, acompanhado por José. Forte na orquestra.*)

## ATO SEGUNDO

*Sala luxuosa em casa de Jeannette. A esquerda, duas janelas de sacada, à direita duas portas e outra ao fundo. Divã e mesa ao centro.*

## CENA I

JEANNETTE e ALBERTO



JEANNETTE (*De penteador, repoltreada no divã. Alberto está ajoelhado aos seus pés.*) - *Va t'en, mon petit chéri, tu est ici depuis trois heures. Ta femme doit être inquiète.*

ALBERTO - *Je t'ennuie?*

JEANNETTE - *Oh! non! tu ne m'ennuies jamais... mais enfin... tu dois penser à tout... et à ta femme.*

ALBERTO - *Toujours ma femme!...*

JEANNETTE - *Du reste, j'ai une migraine affreuse.*

ALBERTO - *Milu n'est pas toute seule.*

JEANNETTE - *Qu'est ce que c'est ça, Milu?*

ALBERTO - *Milu... ma femme. Nous avons maintenant chez nous un vieil oncle de Bahia.*

JEANNETTE - *Eh! bien, ton vieil oncle aussi remarquera tes absences et t'en voudra.*

ALBERTO - *Ne suis-je pas médecin? Je lui dirai comme je dis toujours à ma femme, que j'ai été chez un malade.*

JEANNETTE - *On ne te croira pas. Tu as la mine pas trop ch:ffonne, mon petit.*

ALBERTO (*Erguendo-se.*) - *Eh! bien! Je m'en vais. Adieu, Jeannette.*

JEANNETTE (*Dando-lhe modestamente a mão.*) - *Adieu, je vais sommeiller... (Alberto sai muito desconsolado. Jeannette fecha os olhos; passados alguns minutos, Alberto volta.)*

ALBERTO - *Esqueci-me do estojo! Sempre este trabalho! (Vai buscá-lo sobre a mesa.)*

JEANNETTE (*Sem abrir os olhos.*) - *Tu es encore là?*

ALBERTO - *Je m'en vais; mais le porterais un grand poids sur le coeur.*

JEANNETTE - *Pourquoi donc?*

ALBERTO - *Je te trouve froide, je te trouve un je ne sais quoi que me fait un drôle effet. Tu n'étais pas comme ça au commencement de notre amour.*

JEANNETTE - *Je suis toujours la même Jeannette. C'est toi qui me regardes avec d'autres yeux.*

ALBERTO (*Ajoelhando de novo.*) - *Dis-moi que tu m'aimes toujours... et que ton coeur n'est occupé que de moi...*

JEANNETTE - *Mais oui... mais oui... je te le répète toujours, mon cher. Je suis toute à toi, et je n'ai pas d'autres soucis en tête. Ah!*

ALBERTO - *Oh! merci. Ces paroles me font du bien!*

JEANNETTE (*Estendendo-lhe a mão.*) - *Adieu?*

ALBERTO - *Adieu! (Beija-lhe as mãos.) Jusqu'ã?*

JEANNETTE (*Fechando os olhos.*) *Quand tu voudrais, tu sais... (Volta o rosto.)*

*Duetino*

ALBERTO

*Ma charmante, si je t'aime,  
Je t'aimerais plus encore  
Sans cette froideur extrême.*

JEANNETTE - *Va t'en! va t'en! car ta Jeannette dort!*

ALBERTO (*À parte.*)

- *Ela deseja dormir!  
O meu dever é partir!  
(Alto.) Sur tes lèvres, avant de m'en aller,  
Il faut, Jeannette, que je pose  
Um doux baiser...*

JEANNETTE

- *Oh! non! non! non!  
Laisse-moi donc!  
Demande-moi toute autre chose;  
Mais il vaut mieux [que tu] ne me*

*Demandes rien!*

*Vá t'en! va t'en! car ta Jeannette dort!*

ALBERTO - *Je vais, je vais! adieu mon cher trésor!*

JEANNETTE - *Adieu!*

ALBERTO - *Pense à moi.*

JEANNETTE - *Je penserai à toi.*

ALBERTO (*Afastando-se.*) - *Adieu. (Perde-se a voz no bastidor. Jeannette verifica se está só e ergue-se muito esperta.)*

## **CENA II**

JEANNETTE, *só*

[JEANNETTE (*Só.*)] *Oh! quel cacete! li n'a pas le sou, ce pauvre garçon, et il serait gentil de rester d'une bonne foi chez sa femme. Ces messieurs s'imaginent qu'on les aime pour les beaux yeux, ou par besoin d'aimer quelqu'un. Eh, non! non! non! D'abord, je ne suis pas venue au Brésil pour aimer et être aimée... Je veux m'enrichir et retourner lábas au plus vite pour chercher un mari. Qu'est ce que dirait ma vieille mère si elle me voyait retourner en France sans dot? Je veux un amant riche... vieux comme le monde et vilam comme un singe, pourvu qu'il soit riche.*

## **CENA III**

JEANNETTE e CATARINA

CATARINA (*Fora.*) - *A madama dá licença?*

JEANNETTE - *Ah! é você, Catarina. Entra.*

CATARINA (*Entrando com uma bandeja na mão, contendo roupa.*) - *Venho trazer-lhe a bela da roupinha. Quer conferir o rol?*

JEANNETTE - *A criada terá esse cuidado! Vá pôr essa roupa sobre a cama.*

CATARINA - *Venho já, porque tenho de lhe falar de um negócio de muito interesse.*

JEANNETTE - De interesse para quem?

CATARINA - Para a madama. Nada, que se fosse para mim, tínhamos muito tempo.

JEANNETTE - Pois vá e volte. *(Senta-se no divã. Saída falsa de Catarina.) Que peut elle me vouloir cette femme? (Inclina-se no divã.)*

CATARINA *(Voltando com a bandeja vazia e a toalha.)* - Ora, cá estou. Diga-me cá a madama, como vamos de amores?

JEANNETTE - Oh!... amores... *qu'est-ce que c'est ce ça?*

CATARINA - Ainda está com a pasta o *doutozinho?*

JEANNETTE - Que quer você, Catarina? É cadáver mais agarrado.

CATARINA - Pois quer saber? Não me parece que seja aquele o homem que mais lhe convenha.

JEANNETTE - Também a mim. Que hei de fazer?

CATARINA - Ponha-o a andar. Faça-lhe o mesmo que fiz ao meu Antônio, que foi muito bom enquanto não achei coisa melhor.

JEANNETTE - Pois sim, mas eu não tenho coisa melhor.

CATARINA - Quem disse?

JEANNETTE - Digo eu.

CATARINA - Pois diz mal! *(Em tom de confidência.)* Trago-lhe um fazendeiro...

JEANNETTE - Um fazendeiro? *Oh! mon idéal!*

CATARINA - Fica desde já prevenida de que não se trata de um bonito homem. *(Gesto de indiferença de Jeannette.)* De mais a mais, veste-se mal e fala como um campônio. Mas ou eu me engano, ou há ali bagalhuça grossa.

JEANNETTE - Bagalhuça? Não sei o que é...

CATARINA *(Explicando.)* - Bagalhuça? *(Faz com os dedos sinal de dinheiro.)*

JEANNETTE - *Ah! Je comprends ça. (Faz o mesmo sinal.)*

CATARINA - Parece-me que isso quer dizer a mesma coisa em todas as línguas.

JEANNETTE - Mas onde foi você achar um fazendeiro?

CATARINA - É cá uma história. Ele é que me procurou. Soube não sei por que cargas d'água que eu era a lavadeira da madama; foi lá ter à estalagem e pediu-me que lhe falasse a seu respeito.

JEANNETTE - *Oh! l'imbécile!* Não precisava incomodar você; bastava escrever-me um bilhete.

CATARINA - Foi melhor assim. Apanho uma molhadura.

JEANNETTE - Ah!

CATARINA - E conto que a madama também não se esqueça de mim. Ah! minha rica senhora, os tempos andam bicudos. O sabão e a goma estão pela hora da morte.

JEANNETTE - Deixe estar, Catarina...

CATARINA - A madama quer receber o homem?

JEANNETTE - Certamente.

CATARINA - Já?...

JEANNETTE (*Sentando-se.*) - Já...

CATARINA - Ele ali está na esquina, à espera de que lhe eu faça um sinal da janela.

JEANNETTE - Deixa ver? (*Ergue-se e vai à janela.*) - É aquele?

CATARINA - Sim. Disfarce, que está a olhar para este lado.

JEANNETTE (*Vindo á cena.*) - Como é feio.

CATARINA - Qual feio! Há lá homens feios!

JEANNETTE - Alberto saiu agora mesmo, não é natural que volte. Manda-o entrar. Eu vou lá dentro pôr um vestido. Não lhe quero aparecer de *peignoir*.

CATARINA - Faça-se o mais bela que lhe for possível. (*Jeannette sai.*) Foi mais fácil do que eu supunha. Tiro e queda! (*Vai á janela e chama por gestos.*) Ele ai vem... Queira Deus que não seja pr'aí um unhas-de-fome, que me dê uma tuta-e-meia. (*Vai à porta do fundo.*) Entre... suba... por aqui!...

#### CENA IV

CATARINA e BERMUDES

BERMUDES - Então, a francesa quis?

CATARINA - Com muita dificuldade. Primeiro que a resolvesse, tive que suar as estopinhas. Espere um pouco. Ela já aí vem.

BERMUDES - Você é uma *muié* sabida. Vá pra Bahia, que há de *fazê* um fortunão!

CATARINA - Agora, venha lá o que prometeu.

BERMUDES - Sim, senhora, não há *dúvia*. Aqui tem você cinco mil réis.

CATARINA - Cinco mil réis. Ora tire o cavalo da chuva.

BERMUDES - Acha muito?

CATARINA - Muito? Agora acho! Pois eu tive o trabalhão que tive e o senhor oferece-me cinco mil réis?

BERMUDES - Está bem, senhora, *pro* via disso, não brigemos. Aqui está mais cinco tostões, e não me aborreça.

CATARINA - Faz favor de dobrar a parada?

BERMUDES - Tá *bão*, dobro... Tome outros cinco tostões.

CATARINA - Perdão, o dobro seria onze mil réis.

BERMUDES - Ó *muié* do diabo, você pensa que dinheiro se acha no meio da rua? Tome lá mais uns níqueis, e vá-se embora com Deus e a *Virge* Maria.

CATARINA - Mas, meu rico senhor!...

BERMUDES - Oh! meu rico *sinhô* do Bonfim! Tome lá mais dois vinténs e vá-se com todos os diabos para o meio do inferno!

CATARINA - Com efeito! Sete mil, duzentos e quarenta réis!

BERMUDES - Tá muito bem pago. Você pensa que eu nasci *ontem*, seu diabo? Credo! que regateira!

CATARINA (*À parte.*) - E o Zeca Baiano, que me disse... Esta cá me fica... (*Sai zangada.*)

## CENA V

BERMUDES, depois JEANNETTE

BERMUDES - Este diabo pensa que dinheiro é farinha... Oh! mas que luxo! Tudo isto à custa de iaiá, coitadinha. Não vá-se a madama demorar muito... Duas horas *tá* pingando... e às duas horas *chega* o Barão de Pituaçu. Se as bichas *pega*, meu sobrinho há de *arrecebe* uma boa lição. É ela... Uê!... É bem bonita!

JEANNETTE (*Entra com muita faceirice, simples e elegantemente vestida.*) - *Monsieur!...*

BERMUDES - Dona madama...

JEANNETTE - *Donnez vous la peine de vous asseoir.* (*Tradução: Queira sentar-se*)

BERMUDES - Me *descurpe*, madama, mas eu não sei *tratá* língua de francês. Eu só falo brasileiro, e é quanto basta para que todo o mundo me entenda.

JEANNETTE - Faça o favor de se assentar. (*Senta-se no divã e arranja-lhe um lugar ao lado.*)

BERMUDES - Com todo o gosto, mesmo porque estou cansado.

JEANNETTE (*Chegando-se muito para Bermudes e requebrando-se.*) - Que deseja?

BERMUDES - Não é o que a madama pensa.

JEANNETTE - *Comment?*

BERMUDES - Eu sou da reserva, sou *home véio* e sisudo. Já passei da idade em que a gente dá cabeçada *pro* via do rabo-de-saia. (*Jeannette afasta-se.*) Não há nada mais *pió* do que um *home* de idade quando dá pra essas tolices. Eu não vim da Bahia pra *andá* correndo atrás das *muié*; eu vim *pro mode* aquela questáozinha das *terra*. A madama não leu no *Correio da Bahia*?

JEANNETTE (*Erguendo-se.*) - Mas então que deseja o senhor?

BERMUDES - Eu vou logo *dizendo* tudo, porque não gosto de *está* com *impaliação*. Eu tenho aqui na Corte um sobrinho, que é casado *cuma* moça muito boa, uma santa que merece muitas *atenção*. A madama virou a cabeça de meu sobrinho.

JEANNETTE (*À parte.*) - *C'est le vieil onde.*

BERMUDES - Meu sobrinho já não faz caso nem nada da pobre da iaiá, e eu quero *acabá* com esta pouca vergonha. (*Ergue-se.*) *Apois...*

JEANNETTE - Eu não fui *buscá* seu sobrinho... ele é que me procurou.

BERMUDES - Eu sei disso perfeitamente... não *curpo* a madama... a madama faz o seu negócio... *tá* no seu direito. Não quero meu sobrinho de graça, não. Eu sou matuto, é verdade, mas não sou *estúpido*, que não compreenda estas coisas. Também não vim nesta casa pra lhe *dizê*: *Ó* dona madama, dê cá pra cá meu sobrinho e tome lá tanto, *cumo* fiz *co* a lavadeira. Não senhora. O que eu quero é *dá home pro ele*.

JEANNETTE - Não compreendo.

BERMUDES - Já vai *compreendê*. Faça *favá* de se *assentá*. (*Senta-se ela no divã e ele numa cadeira.*) Saberá a madama que está nesta Corte o *home* mais rico da Bahia, o Barão de Pituaçu, e esse *home* está apaixonado...

JEANNETTE - Por mim?

BERMUDES - Haverá de *sê* por mim? Não vive senão pensando na madama. Ele passou um dia aqui na sua casa, viu-lhe na *jinela* e *d'entonces* para cá, não *drome* sossegado, nem nada!

JEANNETTE - Oh!

BERMUDES - Até mete pena.

JEANNETTE - *Pauvre homme!*



BERMUDES - Eu, sabendo disso, *arresolvi* vir-lhe pedir que bote Alberto no *oio* da rua, e no lugar dele fique o Barão.

JEANNETTE - É rico?

BERMUDES (*Depois de soltar um assobio prolongado.*) - Não *carcula!* Metade da Bahia é dele. Nunca ouviu *falá* no Barão de Pituaçu?

JEANNETTE - *Non.*

BERMUDES - Oh! *Home!* Só fazenda de madeira tem seis, e escravatura assim. (*Gesto.*) *Ações* do banco, *apólicas*. Aí nem se conta. Soube *levá* o *home* co jeito, em menos de seis *mês* pode ir pra estranja, podre de rica.

JEANNETTE - E que tal... como figura?

BERMUDES - Aí é que a porca *troce* o rabo, se ela tem rabicho.

JEANNETTE - É velho?

BERMUDES - Isso não... e muito *jóvio*... Pode *sé* meu neto.

JEANNETTE - Então é muito feio?

BERMUDES - Também não é feio: é até um bonito rapaz.

JEANNETTE - Pois se é moço e bonito, não sei em que me possa desgostar?

BERMUDES - Por uma coisa muito simples: ele não é branco.

JEANNETTE - Oh!

BERMUDES (*Erguendo-se.*) - Mas descanse; também não é mulato.

JEANNETTE - Então é preto.

BERMUDES - Preto como um tição... Mas que *arma*... que *bão home*... e muito *inteligêntio*: tem viajado por todas essas *Európias*. A madama no começo há de sentir certa *arrepugnação*, mas depois de *conversá* dez *minuto* co ele, verá que é o *mió* dos *home!*

JEANNETTE (*Depois de refletir.*) - Não sei... só vendo...

BERMUDES - Ele ficou de vir aqui às duas horas. (*Ouve-se passar um carro.*)

JEANNETTE - Parou um carro à porta.

BERMUDES - Talvez seja o Barão. (*Correndo ã janela e voltando.*) Não me enganei-me: é ele! Se não *qué arrecebê o home*, inda *estemos* em tempo. Eu encontro *ele* no *corredô*, e digo que chore na cama, que é *lugá* mais quente.

JEANNETTE - Olhe, saia por aqui. Logo que ele tiver entrado, abra aquela porta que dá para o corredor, e desça.

BERMUDES - Veja lá, dona madama; olhe que metade da Bahia é dele!

JEANNETTE - Já sei.

## CENA VI

JEANNETTE, *depois* JOSÉ

JEANNETTE (*Só.*) - *Un nêgre! Oh! bah! qu'est ce que ça me fait? (Vai abrir a porta do fundo. Entra José vestido exageradamente á última moda e de monóculo, cumprimentando gravemente.)*

JOSÉ - *Madame...*

JEANNETTE - *Monsieur...*

*Rondó*

JOSÉ

Madama, consinta  
Que eu tenha a distinta  
(Tamanho  
Qu'acanha!)  
De a cumprimentar;  
Com todo o respeito  
Solícito preito,  
Dengoso,  
Garboso,  
Que vim tributar.  
Causar-lhe desgosto  
Bem pode o meu rosto

Distinto,  
Mas tinto  
Da cor do carvão;  
Mas, quando me sonde,  
Verá que se esconde  
Brancura,  
Candura  
No meu coração!  
Madama, consinta  
Que eu tenha a distinta  
(Tamanha  
Qu'acanha!)  
De a cumprimentar;  
Solícito preito  
Com todo o respeito,  
Dengoso,  
Verboso,  
Lhe vim tributar!  
Sei que não mereço  
Das damas apreço,  
Beijinhos,  
Carinhos,  
Por ser um tição.  
Ninguém me deseja,  
Muito embora eu seja  
O nervoso,  
Famoso,  
Famoso Barão.  
(*Declamando.*) Entretanto, madama, consinta.

JEANNETTE - *Donnez-vous la peine de vous asseoir, monsieur le baron.*

JOSÉ - *Avec plaisir, madame. (Senta-se, fazendo muitas cerimônias para Jeannette sentar-se antes dele.)*

JEANNETTE - *J'ai causé avec ce monsieur qui m'a parlé si bien de vous.*

JOSÉ (*Sem perceber.*) - *Oui, madame.*

JEANNETTE - *Ce monsieur, ce vieux fazendeiro... il a oublié de me laisser son nom.*

JOSÉ - *Madame, je parle bien le français) mais... mas eu prefiro falar em português, para não perder o costume.*

JEANNETTE - Como quiser.

JOSÉ - *Merci. Dis donc.*

JEANNETTE (*À parte.*) - *Il ne pane pas français.*

JOSÉ - Não esteve aqui um *monsieur* da Bahia?

JEANNETTE - Mas é justamente o que eu lhe estou dizendo... Um velho que me falou muito do Senhor Barão... o me preveniu da sua visita.

JOSÉ - Ah! bem... eu compreendi... eu compreendi... Nesse caso ele disse tudo... tudo o que há...

JEANNETTE - Pouco mais ou menos.

JOSÉ (*Escolhendo os termos.*) - Madama... eu sei que um distinto cavalheiro... um dos ornamentos do *high-life* fluminense... consagra certa afeição a Vossa Excelência... Mas, como o meu amigo e patrício, o Senhor Bermudes... mostrou-se muito amargurado por ser esse moço seu sobrinho, e casado com iaiazinha... quero dizer, com uma interessante senhora, também da Bahia... Vossa Excelência acompanha o curso das minhas idéias?

JEANNETTE - *Oh! monsieur le baron!*

JOSÉ - Eu me conheço... Esta cor... esta maldita cor...

JEANNETTE - Oh!

JOSÉ - Esta nódoa da Bíblia... o preconceito social... as conveniências, etc., etc. Mas, dizia eu, não pelos meus encantos, mas pela minha posição... pelo meu título... pela minha fortuna... poderia alcançar um sorriso, e, deste modo, fazer um benefício, restituindo um chefe de família aos braços da estremecida esposa.

JEANNETTE - E o Senhor Barão é solteiro?

JOSÉ - *Je suis garçon tout à fait.* Solteiro e livre como os pássaros que cortam o espaço... o espaço azul. Não quis ligar o meu destino ao de uma mulher... Sempre julguei que as brancas não quisessem casar comigo, e eu não gosto de pretas: abomino a minha raça no belo sexo.

JEANNETTE - A Europa é mais adiantada: não faz questão de raças.

JOSÉ - Foi o que me animou... Quando estive em Paris...

JEANNETTE - Ah! o Senhor Barão já esteve em Paris?

JOSÉ - Umas poucas de vezes.

JEANNETTE - Em que hotel morou?

JOSÉ (*Atrapalhado.*) - Como?

JEANNETTE - Pergunto em que hotel morou em Paris?

JOSÉ - Ah! no *Hôtel de Ville*. (*Tradução: Na Prefeitura*).

JEANNETTE - Oh! (*Sorri.*)

JOSÉ (*À parte.*) - Disse asneira. (*Com desembaraço.*) Quando estive em Paris pela primeira vez, reconheci que as cocotes me davam preferência, algumas; e quase todas não me repeliam. Foi o que me animou, porque Vossa Excelência é francesa... (*Lembrando-se.*) Ah! madama, peço-lhe que aceite este insignificante *cadeau... souvenir* do nosso primeiro *tête-à-tête*... (*Dá-lhe um estojo. Jeannette ergue-se e faz examinar a jóia perto da janela.*)

JEANNETTE - Oh! *les beaux diamants*...

JOSÉ (*À parte, sempre sentado.*) - Brilhante de Paris... Senhor Bermudes deu quinze mil contos por eles. (*Alto.*) Com a fortuna de que disponho, poderia dar-lhe coisa melhor, mas o que me mandou o Luís de Resende, que é o meu fornecedor... Mais tarde colocarei no seu colo alabastrino um riquíssimo colar de pérolas, *cependant*... Vossa Excelência gosta de pérolas?

JEANNETTE (*Descendo.*) - Oh! *Beaucoup*.

JOSÉ - *Moi aussi*.

JEANNETTE (*Pondo-lhe a mão sobre os ombros.*) - E de mim? Gosta um bocadinho de mim?

JOSÉ - *Je vous aime*... não lhe digo mais nada... Ou antes, digo-lhe tudo nesta carta (*Tirando uma carta, à parte.*) A carta do Doutor Gouveia (*Alto.*)... nesta carta que escrevi... porque receava não ter expressões que... Vossa Excelência sabe: quando se escreve, diz-se tudo... e falando a gente deixa muita coisa em branco. (*Dá-lhe a carta e ergue-se.*)

JEANNETTE (*Lendo.*) - "Meu doce amor: Convince-te de que te mereço muito mais do que esse Alberto que não sabe apreciar-te devidamente. (*Interrompendo.*) Oh! *pauvre* Alberto! (*Lendo.*) Se corresponderes a este afeto sublime, eu esconderei o nosso amor nas trevas do mais profundo mistério. (*Interrompendo.*) *C'est gentil.* (*Lendo.*) Tu..."

JOSÉ (*Tomando-lhe a carta.*) - Leia depois... veja que me vexa. (*Deixa a carta sobre a mesa do centro.*)

JEANNETTE - Mas para que esse mistério de que fala nessa carta? Oh! não! pelo contrário... terei todo o prazer em aparecer em público com o senhor. O senhor será a minha fantasia... o meu capricho... O mais que poderão dizer de mim é que sou uma mulher original... e haverá muitas, muitas que me invejem.

JOSÉ - Isso! isso! *Comme ça!* Não tenha vergonha de ser minha... Não faça caso da sociedade... Que tem a minha cor? Não sou um homem como os homens?

JEANNETTE (*Ouvindo passos na escada.*) - *Mon Dieu!*

JOSÉ - Que é?

JEANNETTE - Ele!

JOSÉ - Ele quem?

JEANNETTE - Alberto.

JOSÉ - Ioiô.

JEANNETTE - *Comment?*

JOSÉ - Nada.

JEANNETTE - Vou despedi-lo.

JOSÉ - *Bravô!*

JEANNETTE - *Venha cá.* (*Leva-o para a porta da direita segundo plano.*) Quando ele entrar, abra aquela portinha e saia. Depressa.

JOSÉ - Esta noite venho buscá-la para irmos ao Santana.

JEANNETTE - *Oui.* (*José sai depois de beijar a mão de Jeannette.*)

## CENA VII

(JANNETTE e ALBERTO)

JEANNETTE (*Só.*)- *Je vais le mettre à la porte.*

ALBERTO (*Entrando.*) - *Je n'ai pas pu souffrir ton absence. Me voilà de nouveau. Comme je t'aime!*

JEANNETTE - *C'est un scie .*

ALBERTO - Hein?!

JEANNETTE - *Tu m'embêtes á la fin! Finissons, Alberto, je suis lasse de toi. Fiche-moi la paix .*

ALBERTO - Jeannette!

JEANNETTE - *Adieu!*

ALBERTO - *Qu'est ce que ça veut dire?*

JEANNETTE - *Ça veut dire qui j'en ai par dessus la tête! Laisse-moi!*

ALBERTO - Jeannette... tu... mais... tu não estás no teu juízo. Entrou aqui alguém na minha ausência?

JEANNETTE - Eh! *bien, oui! Sache-le donc: j'ai un amant.*

ALBERTO - Oh!

JEANNETTE - *Un monsieur que me convient plus que toi. Je ne veux plus d'homme marié. Tu est pauvre et as besoin de ton argent pour ta famille... tu vois, je suis franche... je ne t'ai jamais trompé... et je ne te trompe pas dans ce moment.*

ALBERTO - *Ça c'est un... Isto é um desaforo!*

JEANNETTE - *Tout ce que tu voudras, en portugais ou en français. Adieu, tu ne veux pas sortir? Eh! bien, alors c'est moi qui sors. (Sai pela direita, primeiro plano, e fecha a porta.)*

## CENA VIII

[ALBERTO, só.]

ALBERTO (*Só, indo á porta por donde saiu Jeannette.*) - Jeannette! Jeannette! *Ecoute-moi.* Oh! Meu Deus! que mulher ingrata! (*Cai soluçando numa cadeira que está junto da mesa do centro e, passados alguns segundos, dá com a carta e abre-a.*) A letra do Gouveia! Sim, é a sua letra... (*Lendo.*) "Meu doce amor, convence-te de que te mereço muito mais do que esse Alberto," Oh! "que não sabe apreciar-te devidamente." (*Com um gesto.*) Ah! preciso encontrar esse homem. Vou procurá-lo! (*Vai a sair arrebatadamente.*) Ah! o estojo! (*Volta a buscar o estojo na mesa do centro e sai.*)

## ATO TERCEIRO

*O jardim do Teatro Santana, em noite de espetáculo) durante um entreato. A cena representa o espaço compreendido pela fachada do teatro, que se vê ao fundo. Pelas separações da coluna entrevê-se a sala do teatro iluminada. A cena está cheia de espectadores e cocotes, que passeiam. De vez em quando atravessa a cena um criado de botequim ou um vendedor de flores.*

## CENA I

*Espectadores, GOUVEIA, FRASQUITA, depois BERMUDES*

CORO

Oh! que espetáculo!  
Ri-me a faltar!  
Eu cá divirto-me:  
Não há negar!  
Não pode mágica  
Haver melhor!  
A peça, o público  
Sabe de cor!

- E se algum sujeitinho exigente  
Esta peça não pode aplaudir,  
Venha cá pro jardim, certamente  
Terá muito que ver e ouvir.



Oh! que espetáculo! etc.

*(Continuam as coristas a passear até o final do ato.)*

GOUVEIA - *(Entrando pela esquerda.)* - Amanhã... às oito horas... Não penso noutra coisa... Ainda me parece um sonho!

FRASQUITA *(Indo ao encontro de Gouveia.)* - Olá, Gouveia... é hoje?

GOUVEIA - Hoje o quê?

FRASQUITA - Vais pagar-me a ceia no *Louvre*?

GOUVEIA - É sempre assim! Tenho-te convidado um milhão de vezes e tens sempre recusado. Hoje estou comprometido.

FRASQUITA - Não admito compromissos - Não será tão grosseiro que te negues a ir cear comigo.

Gouveia - Pois sim... daqui a pouco...

FRASQUITA - Que mais esperas? Isto hoje está muito aborrecido. Tem pouca gente.

GOUVEIA - Preciso falar com alguém. Eu previno-te quando for ocasião...

FRASQUITA - Bom... eu estou por aqui. *(Afasta-se.)*

GOUVEIA *(Consigo.)* Amanhã... - oito horas. Que deliciosos momentos vou passar! E esta espanhola... esta Frasquita que me obriga a cear em sua companhia? Pois eu posso pensar noutra que não seja ela, a minha querida Milu, que amanhã... às oito horas... Entretanto, vou cear com a Frasquita - é um meio como outro qualquer para fazer passar o tempo... Até a hora da entrevista, os minutos me parecerão séculos. *(Tirando um bilhete e lendo.)* "Amanhã... às oito horas da noite espero-te no portão dos fundos da chácara. Acharás o portão encostado: empurra e entra. - Milu." Recebi este bilhete ainda agora... no hotel, e tenho-o lido quinhentas vezes. O diabo é que estou sem dinheiro, e esta ceia... Oh! lá vem o Bermudes! está tudo arranjado!

BERMUDES *(Entrando pela esquerda.)* - Ó seu doutor, estimei muito *encontrá vossoria*.

GOUVEIA - Oh! Senhor Bermudes! como tem passado?

BERMUDES - Vamos indo: - Que notícia me dá do meu *negócio*?

GOUVEIA - O seu requerimento já deu entrada na Secretaria.

BERMUDES - *Apois.*

GOUVEIA - Estive com o Ministro (o senhor sabe, o Ministro me considera muito), prometeu despachar favoravelmente. A coisa depende um pouco da informação da seção e ao empregado que tem de informar não seria mau fazer presente duma pelega de cem.

BERMUDES - Que *qué dizê* uma pelega de cem?

GOUVEIA - Pois não sabe? Uma pelega de cem é uma nota de cem mil réis.

BERMÚDES - *Quê, seu doutó, pois é preciso dá dinheiro aos empregado?*

GÕUVEIA - Fale baixo. O senhor não conhece este Rio de Janeiro! Se tem aí cem mil réis, disfarce e passe, porque amanhã muito cedo irei ter com o empregado e lhe levarei até a informação já pronta para ele copiar. Está feito de tal maneira, que o Ministro, embora não me quisesse servir não teria remédio senão concordar com ela.

BERMUDES - Que diabo! Se destes cem mil réis depende o aviamento da minha questáozinha, aqui tem o cobre. (*Dando-lhe dinheiro.*) Mas muito me conta *vossoria... os empregado* da nação, hein?

GOUVEIA (*Guardando o dinheiro.*) - É verdade! (*À parte*) Pobres empregados! (*A Sinfrônio, que passa.*) Oh! viva!... Como tem passado?...

## CENA II

BERMUDES, GOUVEIA, SINFRÔNIO e *figurantes*

SINFRÔNIO - Assim, assim... Viu a pernambucana como voltou magra de São Paulo? Eu tantas vezes lhe disse: - Minha filha, não te deixes levar por aquele valdevinos. Deu-lhe uma vida de cão. Bem-feito. Oh, com licença, vai ali a Ambrosina. Ainda não lhe dei as boas-noites. É uma bela pequena! Muito honesta! (*Afasta-se apressado para o fundo.*)

BERMUDES - Que *home* é este?

GOUVEIA - Um pobre diabo que se constituiu amigo e conselheiro de todas estas infelizes... Trata-as de filhas, dá-lhes conselhos muito úteis e sobretudo muito desinteressados, que nenhuma delas aproveita... e tem invariavelmente a mesma frase, tratando de cada uma delas, seja qual for: Muito honesta! muito honesta!

### CENA III

BERMUDES, GOUVEIA, MARION, QUINCAS, *depois* SINFRÔNIO e MARIANA, *depois figurantes*

MARION (*Entrando pelo braço de Quincas.*) - GOUVEIA, *ma dernière conquête... Je te la présente. (Apresenta-lhe que o cumprimenta.)*

QUINCAS - Estou-me desemburrando.

GOUVEIA - A Marion é boa mestra. (*Marion afasta-se para o fundo, rindo-se. A Bermudes.*). É uma portuguesa: está a depenar aquele menino, que recebeu há dias a legítima paterna.

BERMUDES - Ah! *muié* danosa! E que faz o juiz de *orfo*?

GOUVEIA - Pois se ele está emancipado.

BERMUDES - *Quá* emancipado! Emancipado é uma boa *mançaranduba* no lombo.

SINFRÔNIO (*Voltando, a Gouveia.*) - Viu a Marion? Com um menino pelo braço. Estou farto de lhe dizer: Minha filha, procura gente séria; não estejas a desmamar crianças. Mas qual! é pregar no deserto. Estes demônios não se convencem de que eu falo em seu benefício.

BERMUDES - Aquilo é uma desavergonhada, seu *homel* SINFRÔNIO - Não diga isso, coitada. É até muito honesta! muito honesta! (*Indo a Mariana, que passa.*) Mariana, eu estava uma noite destas na *Maison Moderne*, e ouvia sua voz... Você fazia um barulho infernal num gabinete particular... Não continue, minha filha, não se prejudique.

MARIANA - Ora vá dar conselhos às suas filhas. (*Afasta-se á esquerda.*)

SINFRÔNIO (*A Bermudes.*) - Esta francesa é muito honesta, mas é doida...

BERMUDES - É *macriada*. (*Frasquita, que tem estado ao fundo, desce a Gouveia.*)

FRASQUITA - Quando quiseres, vamos.

GOUVEIA - Espera. Só o tempo de me ver livre deste matuto.

FRASQUITA - Quem é? (*Continuam a falar baixo.*)

SINFRÔNIO (*A Bermudes.*) - O senhor não é da Corte?

BERMUDES - Não sou, não. Deus me livre! Sou da Bahia.

SINFRÔNIO - Então não conhece aquela espanhola que está ali a conversar com o Silveira? É...

BERMUDES - É muito honesta, já sei...

SINFRÔNIO - Mas é tola. Não sabe aproveitar a maré do carvoeiro. O Visconde das Dores do Indaiá tem uma *paixa* enorme por ela; deixou-o por um pelintra, que não lhe dava uma de x.

BERMUDES - Veja que desgraça!

SINFRÔNIO (*A Frasquita, que tem acabado de conversar com Gouveia e vem passando da direita para a esquerda.*) -Frasquita, minha filha, venha cá: você já tomou juízo?

FRASQUITA - Agora estou mais sossegadinha.

BERMUDES (*A Gouveia.*) - Seu *doutô*, o senhor também conhece elas todas.

GOUVEIA - Ah! elas me consideram muito.

BERMUDES - *Apois.* (*Continua conversar baixo.*)

FRASQUITA (*A Sinfrônio.*) - Dou-lhe uma notícia: o Visconde voltou.

SINFRÔNIO - Voltou? Bravo, dá cá um abraço.

FRASQUITA - Oh! mas *no lo* quero. É muito velho... SINFRÔNIO - Deixa disso.

FRASQUITA - Oh! descanse!... também não quero o outro... é muito moço... Nada, meu amigo, a experiência foi cara. Quando lhe mandei pedir aqueles vinte mil réis emprestados... que por sinal nunca paguei...

SINFRÔNIO - Oh! oh! oh! oh!

FRASQUITA - Nunca paguei, nem pago. Esteja tranqüilo. Quando lhos mandei pedir, não tinha o que comer, acredite.

SINFRÔNIO - Bem feito, minha filha... você estava tão bem... não me quis ouvir... Bem sabe que sou um amigo desinteressado.

FRASQUITA - *Adiós.* Apareça. Ainda estou na mesma casa. Vá almoçar comigo amanhã.

SINFRÔNIO - Amanhã, não posso; fiquei de ir almoçar com a Rosa Paulista.

FRASQUITA - Então vá jantar.

SINFRÔNIO - Para jantar estou comprometido com a Berta, Qualquer dia destes lá vou.

FRASQUITA - Quando quiser. *Adiós. (Afasta-se.)*

SINFRÔNIO - Adeus, minha filha. *(A Bermudes e Gouveia.)* Muito honesta! muito honesta! Lá vai a Florinda. Vou pedir-lhe notícias da Pitoca. *(Afasta-se, apressado, pelo fundo.)*

HERMUDES - Este *home* é um almanaque!

GOUVEIA - Ó Senhor Bermudes, quer ir à caixa?

HERMUDES - Que caixa? Caixa d'água?

GOUVEIA - Não; a caixa do teatro.

BERMUDES - Pois *treatro* tem caixa?

GOUVEIA - O palco... o lugar onde estão os atores. Eu dou-me muito com o Vasques... Considera-me muito...

BERMUDES - É algum Ministro?

GOUVEIA - Não... - o Vasques? Pois não sabe? Aquele que representa... que vai pedir a mão da princesa em casamento...

BERMUDES - Ah! o jocoso... O diabo tem muita graça!

GOUVEIA - Pois vamos vê-lo. É o mesmo homem fora da cena

BERMUDES - Vamos lá vê o Vasque. *(Saem pela direita alta.)*

#### CENA IV

SINFRÔNIO, *um* SUJEITO, *depois* ALBERTO *e figurantes*

SINFRÔNIO *(Com o braço por cima dos ombros do Sujeito.)* - Pra que há de você amargar a pobre menina com tantos ciúmes? Coitada, é uma injustiça. Ainda ontem, lá no Lucinda, ela queixou-se-me de você, e eu disse-lhe: - Florinda, minha filha, vá descansada, que eu falo ao Guimarães.

ALBERTO *(Entrando, a Sinfrônio.)* - Sinfrônio. *(Ao sujeito.)* Desculpe. *(Sujeito retira-se.)* Você sabe de uma que me aconteceu? A Jeannette deixou-me.

SINFRÔNIO *(Com um pulo.)* - Hein?!

ALBERTO - Pôs-me na rua... como a um cão.

SINFRÔNIO *(Resoluto.)* - Eu vou lá!

ALBERTO *(Puxando-o pelo casaco.)* - Não, não vá! Esta tudo acabado. Depois do que se passou, é impossível uma reconciliação entre nós.

SINFRÔNIO *(Muito interessado.)* - Mas como foi isso, meu Deus?

ALBERTO - Você não imagina. Não pode imaginar! Saio, deixo-a um pouco fria, é verdade, dizendo que me ama, e mais isto e mais aquilo. Dou três voltas, apertam-me as saudades, volto e encontro-a outra.

SINFRÔNIO - Ora esta!

ALBERTO - Completamente mudada. Nunca a vi assim. Disse-me todas! *Finissons! Fiche-moi la paix. Je suis lasse de toi.*

SINFRÔNIO - Oh! ela disse isso?

ALBERTO - É verdade!

SINFRÔNIO - *Je suis lasse de toi*, quer dizer: Estou farta de ti?

ALBERTO - Pois é.

SINFRÔNIO - Eu não sou muito forte em francês.

ALBERTO - *Fiche-moi la paix* - é um desaforo muito maior. Nunca se diz [a] ninguém: *Fiche-moi la paix!* Os franceses tudo suportam, tudo, menos o tal - *Fiche-moi la paix*.

SINFRÔNIO - E que quer dizer *Fiche-moi la paix*?

ALBERTO - Quer dizer: Deixe-me em paz, não me aborreça!

SINFRÔNIO - Eu acho o - *Je suis lasse de toi* - mais forte.

ALBERTO - Em português não há dúvida, mas em francês O - *Fiche-moi la paix* - é mais canalha que *Je suis lasse de toi*.

SINFRÔNIO - Ora senhor! Uma rapariga tão... tão honesta. Pois olhe, não é por falta de bons conselhos meus: - Jeannette, minha filha, aquele moço é um tesouro; não se desfaça dele. Quantas vezes eu lhe disse isto. - Você é que não devia meter-se nestas coisas... um homem casado...

ALBERTO - E você é solteiro?

SINFRÔNIO - Eu? Ora viva! Eu sou casado, mas desafio que haja marido mais fiel à sua mulher do que eu. Sou amigo destas desgraçadas por humanidade, por filosofia. Muita, festa para cá, muito agrado para lá, toma mais isto, vá lá mais aquilo, etc.; mas nunca passou disto. Quem disser o contrário mente. Mas não se trata de mim. Diga-me, há mouro na costa?

ALBERTO - Naturalmente.

SINFRÔNIO - E sabe quem é?

ALBERTO - Um amigo íntimo.

SINFRÔNIO - É sempre assim.

ALBERTO - Um patife em quem eu depositava tanta confiança, que ainda há dias o deixei em casa sozinho com minha mulher, a jantar com ela. O Gouveia.

SINFRÔNIO - O Gouveia?

ALBERTO - É verdade. Apanhei sobre a mesinha da sala carta dele. Conheço a sua letra e o seu estilo. Não me resta a menor dúvida. Ele deve estar aqui no Santana.

SINFRÔNIO - Está. Ainda há pouco conversávamos. ALBERTO - Era desnecessário este bilhete anônimo que achei no consultório. *(Tira um bilhete e lê.)* Se quer saber quem é o novo amante da sua ingrata Jeannette, vá hoje ao Santana, vê-lo-á com ela. Ela também deve estar.

SINFRÔNIO - Não; está só ele.

ALBERTO - Não importa! Vou procurá-lo!

SINFRÔNIO - Olhe lá, não dê escândalo. Você é um médico.

ALBERTO - Esteja tranqüilo. Escândalo por quem? Pela Jeannette? Não o merece, Quero apenas dizer-lhe umas coisas que tenho atravessada na garganta.

SINFRÔNIO - Aquela Jeannette. Deixe estar, que amanhã vou visitá-la e conversar com ela a seu respeito.

GOUVEIA *(Entrando e aproximando-se.)* Ó Alberto, por aqui!

ALBERTO *(A Sinfrônio.)* - Dá licença, temos que falar! *(Sinfrônio retira-se.)*

## **CENA V**

ALBERTO, GOUVEIA e *figurantes*

GOUVEIA - Teu tio ficou a conversar no corredor das cadeiras com um amigo da Bahia. Íamos à caixa e não chegamos a entrar. *(Estende-lhe a mão.)* Como vais?

ALBERTO - Pois o senhor atreve-se ainda a estender-me a mão.

GOUVEIA - Hein?

ALBERTO - Nunca o supus um miserável que escrevesse esta carta. *(Mostra-lhe. Gouveia fica petrificado.)* Não lha esfrego na cara para não dar um escândalo. Infame, há tantas mulheres no Rio de Janeiro e o senhor não achou senão esta



que me pertencia, que eu amava e que devia - por minha causa, não por ela - merecer-lhe algum respeito. Ela nada me disse, encontrei esta carta por acaso. Essa mulher ama-o. Se isso lhe dá prazer, exulte. Ama-o e é sua. Ela mesmo mo disse. Vá, vá ter com sua amante... Naturalmente espera-o. Quanto a mim, nunca mais hei de vê-la, nunca mais! Fique, porém, sabendo que, de ora em diante, se tiver a petulância de olhar para mim, dou-lhe uma bofetada! *(Sai.)*

## CENA VI

GOUVEIA, depois FRASQUITA

GOUVEIA *(Fica como sem acordo, depois olha cautelosamente em volta de si, como para certificar-se de que os insultos de Alberto não foram percebidos. Vendo que ninguém olha para ele, anima-se.)* - Ninguém ouviu. *(Pausa.)* Bom; para um marido ultrajado a cena foi o menos violenta possível. Outro fosse ele, e me daria um tiro. - Mas, como diabo se entende isto? E o bilhete de Milu? *(Tira-o.)* É o seu papel... cá está o seu monograma! *(Aspirando.)* E o seu perfume. Se ele fez cena em casa, se ela lhe declarou que era minha, como nada me diz no bilhete? *(Lembrando-se.)* Tolo que sou! o escândalo foi posterior à remessa deste adorado papel. Mas ficaria ela em casa? Estou perplexo, não sei o que faça...

FRASQUITA *(Vindo tomar-lhe o braço.)* - Vamos?

GOUVEIA *(Assustando-se.)* - Hein? Ah! és tu? *(À parte.)* Já não me lembrava.

FRASQUITA - Anda daí.

GOUVEIA - Vamos *(À parte.)* Mesmo porque o mais previdente é retirar-me. *(Sai de braço com Frasquita pela esquerda.)*

## CENA VII

ALBERTO, SINFRÔNIO, figurantes

ALBERTO *(Continuando uma conversação com Sinfrônio.)* - Disse-lhe o diabo à cara, e acabei ameaçando-o esbofeteá-lo se tivesse a petulância de olhar para mim.

SINFRÔNIO - E ele?

ALBERTO - Ele nem pio. Engoliu tudo calado. Nunca vi um covarde assim.

SINFRÔNIO - Mas não condene a pobre Jeannette.

ALBERTO - Hein?

SINFRÔNIO - Você sabe o que houve?... quem sabe... Talvez alguma intriga. E se ela fez o que fez, foi despeitada e enraivecida? Que diabo! Eu tenho muita pena destas desgraçadas. São tão fracas, tão ingênuas, coitadinhas. Imagine que o Gouveia, para conquistá-la mais depressa, lhe fosse dizer cobras e lagartos a seu respeito. Afinal de contas, que lhe fez ela? Disse o tal -*Fiche...* Como é?

ALBERTO - *Fiche-moi la paix.*

SINFRÔNIO - O tal - *Fiche-moi la paix.* - Mas essa carta? Que prova essa carta? Se fosse escrita por ela, vá! Mas por ele!

ALBERTO - Isso é verdade, mas...

SINFRÔNIO - Mas o quê?

ALBERTO - Ela disse que tinha um amante. *J'ai un amant.*

SINFRÔNIO - *J'ai un amant* - é - tenho um amante? ALBERTO - É.

SINFRÔNIO - Acho mais forte o *fiche*. Talvez dissesse que tinha um amante para vingar-se de você. É que lhe encheram a cabeça de caraminholas.

ALBERTO - Quem sabe mesmo?

SINFRÔNIO - Olha, se quer, vamos até a Rua do Conde; faço-lhe companhia, serei o primeiro a dizer-lhe: - Jeannette, minha filha, vem cá, vamos acabar com isto.

ALBERTO - E este bilhete? Este maldito bilhete anônimo?

*(Os figurantes começam a apontar para a esquerda e a rirem-se. Alguns saem. Alberto e Sinfrônio não dão por isso.)*

SINFRÔNIO - Ora, esse bilhete não vale nada, e a prova é que ela não está no teatro - Vamos até lá. Você vai ver como a pobre pequena está muito sossegadinha em casa a pensar em você.

ALBERTO - Pois vamos.. - mesmo porque (confesso a minha vergonha) gosto muito daquele diabo. *(Tem aumentado o rumor.)*

SINFRÔNIO - O que é isto?

### CENA VIII

ALBERTO, SINFRÔNIO, *depois* JOSÉ, JEANNETTE, *depois* BERMUDES, *figurantes*

CORO

- Vem dando o braço à francesa,  
Janota cor de carvão,  
Nós vamos rir, com certeza,  
A custa desse tição.  
Ah! ah! ah! ah!  
ah! ah! ah! ah!  
É parente do príncipe Obá.

*(Entra José, vestido como no segundo ato, trazendo pelo braço Jeannette ricamente vestida. Admiração de Alberto.)*

ALBERTO -

É o meu moleque José,  
Vou corrê-lo a pontapé.

SINFRÔNIO *(Detendo-o.)*

- Não faça tal,  
Aguardemos o final Da festa.

*(Ã parte.)* Eu, que a supunha tão honesta!

*Coplas*

JOSÉ

Eu supus que nos achássemos  
Num país americano,  
Caminhando a largos passos  
Para a civilização.  
Fantasia foi do espírito,  
Laborei num puro engano,  
Pois dum modo tão ridículo  
Injuria-se o Barão,

O Barão,  
O Barão de Pituaçu,  
Como se fosse algum zulu.

CORO

O Barão,  
O Barão de Pituaçu  
Não é pr'aí nenhum zulu.

JEANNETTE -

*Il n'a pas une peau blanche,  
Mais je l'aime éperdument!  
J'en refoule; je suis franche!  
Le voilà! C'est mon amant!*

JOSÉ

Sem tardar vai tudo raso!  
Temos murro e cachaço!  
Quem me ofenda, por acaso,  
Tem que haver-se co Barão,  
Co Barão,  
Co Barão de Pituaçu,  
- Que é capoeira e guaiamu.

*(Faz o gesto de capoeira.)*

CORO *(Arremedando.)* -

Co Barão,  
O Barão de Pituaçu,  
Diz que é capoeira e guaiamu!

*Concertante*

JEANNETTE -

*Je l'aime, une peau blanche,  
Quand même!*  
Por ele, juro, apaixonada 'stou!  
Censuram,  
Murmuram,

Que bem me importa? Independente sou!

CORO

- Que ama  
Proclama!  
Isto nos faz embasbacar, senhor!  
Um bode  
Não pode

Da alva pombinha usufruir a flor!

BERMUDES (*Aparecendo e dominando a cena.*)

- Meu sobrinho,  
Agora espero que hás de *entrá* no bom caminho;  
Vê, a madama  
Que tu tanto *ama*,  
De braço dado co José  
E será sua, se o não é!

JOSÉ (*Atônito, ajoelhando aos pés de Alberto.*)

- Meu loiozinho, meu loiozinho,  
Ai não sapeque  
O seu moleque.  
Senhor Bermudes, nestas funduras,  
Foi-me metendo,  
Sempre dizendo  
Ser pro seu bem.

JEANNETTE - *Est-il possible, juste ciel.*

SINFRÔNIO - Pobre pequena! que papel!

(*A Jeannette.*) Minha filha, aqui tem meu braço,

Por você,  
Bem vê,  
Tudo faço.

(*Dá o braço a Jeannette e retira-se com ela.*)

CORO

- Ah! ah! ah! ah!  
O caso é muito engraçado,  
O caso é novo e faz rir;  
Um moleque disfarçado  
Pôde a francesa iludir,  
Ah! ah! ah! ah!  
É parente do príncipe Obá.

*(Os coros cercam José. Bermudes afasta-se com Alberto.)*

## ATO QUARTO

*Jardim da casa de Alberto, num arrabalde. À direita, a entrada da casa com escada e alpendre; um lampião de gás que a seu tempo dará luz. Ao fundo um muro, e além, em perspectiva, o Corcovado. À esquerda, a grade da entrada. Na cena, árvores, canteiros, mesas e três cadeiras de jardim.*

### CENA I

ALBERTO, MILU e BERMUDES

BERMUDES *(Têm acabado de jantar e tomam café no jardim; José distribui as xícaras numa bandeja em que há também uma garrafinha de conhaque e cálices.)* - O café é *bão*?

MILU - É torrado em casa.

ALBERTO - Quer um cálice de conhaque, tio Bermudes?

BERMUDES - *Quá*, conhaque nem *quá* história! Vocês *co* seu francesismo *deita* a *perdê* a indústria *nacioná*. Pra depois do jantar não há nada como um copinho de cotrêia e um cachimbo. O cachimbo cá está... como não há cotrêia, paciência. *(Tira o cachimbo, acendendo-o.)*

ALBERTO - Questão de rótulo. Prove o conhaque, e verá que não há de se dar mal.

MILU - Aqui tem um cálice.

BERMUDES - Vá lá. *(Bebendo.)* Irra que é forte!

JOSÉ (*Que tem bebido um cálice às escondidas.*) - Não acho.

MILU - Você não sai hoje, Alberto?

ALBERTO - Não. Hoje sou todo teu.

MILU - Admira. Há três meses é este o primeiro sábado em que ficas em casa.

BERMUDES - E de hoje em diante só não ficará com iaiá por força maior; não é assim, meu sobrinho?

ALBERTO - Certamente. (*Toma uma das mãos de Milu e acaricia.*)

BERMUDES - *Apois!*

MILU - Vossemecê foi um anjo bom que entrou nesta casa.

BERMUDES - Não me agradeça, iaiá; agradeça ao Barão de Pituaçu. (*Vendo José e erguendo-se.*) Vá lá para dentro, moleque. (*José sai requebrando-se e levando a bandeja, xícaras etc.*)

ALBERTO - Meu tio...

MILU - Que história é essa do Barão de Pituaçu?

ALBERTO (*Vivamente.*) - Não é nada.

MILU - Não; eu quero saber...

ALBERTO - É melhor que nada saibas.

MILU - Ora.

BERMUDES - Pois há de *sabê*, sim *senhô*. Meu sobrinho, iaiá, tinha uma doente que lhe tomava todo o tempo. A moléstia era muito cheia de complicâncias, e, se ele *sarvasse a* doente, ganhava fama que nem o defunto Valadão. Mas eu cheguei da Bahia; lalá se queixava-se de que seu marido não parava em casa... Eu tratei de me *informá* e *sube* que a doente era uma *muié* da vida... Então, fiz uma *intrigage* de todos os diabos. Fui *na* casa da *muié* e disse a ela que meu sobrinho não prestava para nada *cumo* médico, que botasse *ele* pra fora e chamasse um *doutá* da Bahia que está na Corte: o Barão de Pítuaçu. A *muié* aceitou o meu conselho. Quando meu sobrinho encontrou outro *doutô* em casa da moça, deu um cavacão, e agora... agora, acabou-se a história. Agora, iaiá *tá* livre da tal doente.

MILU - Mas o Alberto nunca me falou em semelhante mulher.

BERMUDES - E fez ele muito bem. Como era uma *muié* da vida, iaiá podia *mardá*.

ALBERTO - Com licença, vou para o gabinete estudar um pouco. (*Ergue-se e entra em casa.*)

## CENA II

BERMUDES e MILU

MILU (*Levantando-se.*) - Vê, seu sobrinho não pôde sustentar esta comédia.

BERMUDES - Que comédia?

MILU - Então vossemecê me supõe tão tola, que acredite numa palavra do que estive para aí a dizer?

BERMUDES - Iaiá, *óie...* é um *véio* que lhe fala. A gente pra *sê* feliz, principalmente as *moça*, deve *fingi* que acredita em certas coisas... já se sabe, *cando* essas coisas é pra seu bem.

MILU - De toda essa história mal arranjada, de todos esses mistérios, concluo que se passou um fato extraordinário na vida de meu marido. Não quero saber qual foi, contanto que vossemecê me assegure que, de hoje em diante, ele será para mim o que não tem sido até hoje.

BERMUDES - Isso juro até pelas minhas *arminhas* benditas! Iaiá, de hoje em diante, há de *vivê* satisfeita.

MILU - Deixe-me dar-lhe um abraço e um beijo. (*Dá-lhos.*)

BERMUDES - Muito bem. Agora vá fazer o mesmo em seu marido, iaiá. (*Entra José.*)

MILU - Com mil vontades. (*Sai.*)

BERMUDES - E eu vou *procurá* o *tá* seu *Doutô* Gouveia pra *sabê* se o Ministro já *arresolveu* qualquer coisa. (*Julgando-se só.*) Meu sobrinho há de se *emendá...* a lição foi boa... e depois o sermão que eu preguei a ele... (*Vendo José.*) Olá, seu barão!



### CENA III

BERMUDES e JOSÉ

JOSÉ - O que é que o Senhor Bermudes *qué* que eu faça daquela roupa?

BERMUDES - Que roupa?

JOSÉ - A roupa do Barão de Pituaçu.

BERMUDES - Fica *co* ela pra ti. A *molecage* anda por perto de duzentos mil réis, mas não me arrependi. - Vai *buscá* meu chapéu e meu chapéu de *só*.

JOSÉ - Senhor Bermudes, vai procurar o seu *Doutô* Gouveia?

BERMUDES - Não é da tua conta.

JOSÉ - É... é... é que eu queria dar um conselho ao Senhor Bermudes.

BERMUDES - Moleque, onde é que tu já *viu* preto *dá* conselho a branco?

JOSÉ - Pois não! Neste país tem havido muito conselheiro preto!

BERMUDES - Nenhum deles nunca foi moleque como tu, apresentado!

JOSÉ - Isso é o que resta averiguar. Enfim o que eu lhe queria dizer era para seu bem.

BERMUDES - Diz, diabo, diz.

JOSÉ - Seu Bermudes, não se fie no tal Doutor Gouveia.

BERMUDES - Por quê?

JOSÉ - Aquilo é um tratante, um caradura.

BERMUDES - Moleque!

JOSÉ - Moleque é ele!

BERMUDES - Hein? Varra a *púia*.

JOSÉ (*Explicando.*) - O Doutor Gouveia.

BERMUDES - *Apois.*

JOSÉ - Senhor Bermudes não podia entregar a questão a um advogado mais chinfrim. Aquilo mente por quantos dentes tem na boca.

BERMUDES - É amigo de meu sobrinho.

JOSÉ - Ioiô é muito fácil em fazer amizades... e vai abrindo a sua porta a todo o mundo sem saber quem mete em casa. Senhor Bermudes há de ver que o Doutor Gouveia não tarde em dar-lhe uma facada.

BERMUDES (*Levando a mão ao ventre.*) - Hein?

JOSÉ - Não é facada de sangue; é de dinheiro.

BERMUDES - De dinheiro já deu.

JOSÉ - Então?

BERMUDES - Mas não foi para ele; foi para um empregado.

JOSÉ - Olhe, Senhor Bermudes, o Ministro mora nesta mesma rua... naquele chalé azul... vossemecê vai lá e fala mesmo com o homem... Aposto que o Ministro ainda não tem notícia de sua pretensão.

BERMUDES - Ó moleque de uma figa! se o *doutô* me disse que falou com ele!

JOSÉ - Qual falou, nem meio falou! Vá até lá, vá até lá, não lhe digo mais nada. Eu vou buscar o seu chapéu. (*Saída falsa.*)

BERMUDES - Hem? Este moleque é *pernosco* e é mais sabido que muito *doutô*. O diabo é capaz de ter razão, e não me custa nada *i na casa* do Ministro. Tá decidido. Vou lá.

JOSÉ (*Entrando com o chapéu e guarda-chuva de Bermudes.*) - Está aqui. (*Dá-lhos.*)

BERMUDES (*Pondo o chapéu.*) - É o *chalete azu*, não é?

JOSÉ - Senhor Bermudes vai lá?

BERMUDES - Vou sim. Se tu acertaste, moleque, podes contar com a molhadura.

#### CENA IV

JOSÉ, *depois* FEITOR e COZINHEIRO

JOSÉ (*Só.*) - Bom. É tempo de preparar as coisas. (*Chamando para dentro.*) Psiu! Ô seu Joaquim! Psiu! venha cá e traga seu Manduca. - O Feitor é homem pra dez, e o Cozinheiro não lhe fica devendo nada. O patife há de *ficá* bem escorvado. - Psiu! venham cá. (*Entram o Feitor e o Cozinheiro. Tipos característicos. José recebe-os solenemente.*) Meus senhores, façam favor de se abancar.

O FEITOR - Essa agora!...

O COZINHEIRO - Pra que quer você que a gente se abanque?

JOSÉ - Os amos estão lá para dentro. Sentem-se e sem cerimônia. (*Dá uma cadeira a cada um. O Feitor e o Cozinheiro sentam-se e José senta-se entre eles. Pausa.*) Meus senhores, o momento é solene; e eu vou revelar um grande um terrível segredo. (*Voltando a cadeira para o lado do Feitor.*) Seu Joaquim, você é amigo do seu patrão?

O FEITOR - Se sou amigo de seu *doutore*? Pois não me tratou ele com tanto carinho, *cando* estive *tan* doente?

JOSÉ - E estima a sua patroa?

O FEITOR - Pois se ele é um anjo, sem desfazer em ninguém! *Nan* foi ela a minha enfermeira? *Nan* cuidou de mim como se cuidasse de seu pai dela?

JOSÉ (*Apertando-lhe a mão.*) - Muito bem. (*Voltando a cadeira para o lado do Cozinheiro.*) Agora, seu Manduca, você também é baiano.

MANDUCA - Legítimo. Não digo isso a Deus e a todo o mundo porque não sou vaidoso... não gosto de me gabar...

JOSÉ' - Portanto, deve possuir um coração de ouro. - É amigo de seu patrão?

MANDUCA - Eu sempre fui amigo de quem me dá trabalho. Mas, por quê...

JOSÉ - Não interrompa o orador. E da sua patroa?

MANDUCA - Desde que seja preciso fazer um sacrifício por ela, podem contar comigo!

JOSÉ - Muito bem. Eu não esperava de vocês outra coisa, senão essas declarações leais! (*Endireitando a cadeira.*) Agora eu! Era escravo de iaiá. Um dia, ela me passou a carta de liberdade e eu declarei que queria ficar nesta casa, escravo como dantes, até o dia em que me pusessem na rua. Me parece que não preciso dizer mais nada!

O COZINHEIRO - Mas foi pra isto que esta cabeça de breu mandou me chamar?

O FEITOR (*Erguendo-se.*) - Está a mangar com a gente, o dianho!

O COZINHEIRO (*Erguendo-se.*) - Tenho mais que fazer: vou arrumar a cozinha.

JOSÉ (*Sem se erguer, puxando-os pelo fato.*) - Ouçam o resto. Abanquem-se. (*Os dois sentam-se de novo.*) Que fariam vocês se nesta casa se introduzisse um infame, e pretendesse seduzir iaiá?

Os DOIS (*Erguendo-se ao mesmo tempo.*) - Hein?

O FEITOR - Seduzir a patroa? Isso é lá possível?

O COZINHEIRO - Eu dava-lhe muita bordoadada!

O FEITOR - Eu desancava-o! rachava-o de meio a meio.

JOSÉ (*Erguendo-se.*) - Pois saibam que esse infame existe!

OS DOIS - Quem é?

O FEITOR - Como soubeste disso?

JOSÉ - O burro quis fazer de mim pau-de-cabeleira. Deu-me uma carta para eu entregar a iaiá. Uma declaração de amor.

O COZINHEIRO - Como você sabe que é uma declaração de amor?

JOSÉ - Abri e li a carta. Transgredi um artigo da Constituição do Império.

O FEITOR - E depois entregaste a carta?

JOSÉ - Não entreguei, não. Respondi por minha conta.

O FEITOR - Tu?

JOSÉ - Respondi, sim. Fui ao quarto de iaiá... tirei uma folha de papel marcado com o nome dela, e um envelope... botei um pingo de perfumância, e, como eu escrevo muito mal, pedi a seu Braga da venda para escrever o seguinte, pouco mais ou menos: "Amanhã, sábado, vai ao portão dos fundos da chácara; se o portão estiver encostado, empurra e entra", e deixei a carta no Hotel Globo, onde vai jantar todos os dias.

O COZINHEIRO - Que arteiro!

O FEITOR - Bom; e agora?

JOSÉ - Agora. *(Toma-lhes as mãos e trá-los ao proscênio.)*

*Terceto*

JOSÉ - Haja cautela.

OS DOIS - Pois haverá.

JOSÉ

E na esparrela  
O tipo cairá. (Com mistério.)  
A hora marcada  
Vocês estarão  
Fazendo emboscada  
Por trás do portão.

OS DOIS - Por trás do portão.

JOSÉ

- O tipo, isso eu juro,  
De manso entrará  
Com os olhos no escuro  
Buscando iaiá.

OS DOIS - Buscando iaiá.

JOSÉ

Dá dois ou três passos  
Dizendo: Milu,  
Vem! corre aos meus braços!  
Onde é que estás tu?

OS DOIS - Onde é que estás tu?

JOSÉ

Vocês vão sem bulha,  
A porta fechar,  
A fim de que o pulha  
Não possa escapar.

OS DOIS - Não há de escapar.

JOSÉ

- E o pintalegrete  
Reduzam a pó!  
No corpo o cacete  
Lhe cante sem dó!

OS DOIS

Daremos sem dó.

JOSÉ

- Depois que lhe derem  
Pancada a fartar,  
Depois que estiverem  
Cansados de dar...

OS DOIS - Cansados de dar...

JOSÉ

Vocês o conheçam:  
- Pois era o senhor!  
- Desculpa lhe peçam:  
- Perdoe, seu doutor.

OS DOIS - Perdoe, seu doutor.

JOSÉ

E tragam-no em braços  
Aqui pro jardim.  
Pois esses devassos  
Castigam-se assim.

O COZINHEIRO (*Interrompendo o canto e declamando.*) - Mas por que não lhe dá você a tunda?... e nos passa procuração?

O FEITOR - É verdade! por quê?

JOSÉ - Por dois motivos: - *Primó:* - Porque eu sou capoeira e posso matá-lo com uma cabeçada na boca do estômago; *secundó:* - Porque não sou egoísta, e quis dividir com vocês dois o prazer de castigar o infame...

Os DOIS - Ah! bom... (*Continua o canto.*)

- Pode ficar descansado,  
Que há de levar O marau,  
De forte pulso alentado,  
Famosa tunda de pau!

JOSÉ - Haja cautela.

OS DOIS - Pois haverá.

OS TRÊS

E na esparrela  
O tipo cairá.  
Cautela...  
Cautela...  
Vamos para lá...  
Vão para lá...

(*O Feitor e o Cozinheiro saem. A cena tem escurecido gradualmente.*)

**CENA V**

JOSÉ, depois GOUVEIA (*Da esquerda.*)

JOSÉ (Só.) - Nunca mais o bicho há de ter vontade de fazer declarações de amor a senhoras casadas. *(Vendo entrar GOUVEIA.)* Olá! ele por aqui?

GOUVEIA - Alberto está em casa?

JOSÉ - Está, sim senhor.

GOUVEIA - Vai-lhe dizer que estou aqui.

JOSÉ - Sim, senhor. *(Vai saindo.)*

GOUVEIA - Olha. *(José volta.)* Já recebi a resposta daquele bilhete que entregaste a Dona Milu. Toma lá os dez mil réis que eu prometi. *(Dá-lhos.)*

JOSÉ - Muito obrigado. *(À parte.)* Vou dar cinco mil réis ao Feitor e cinco mil réis ao Cozinheiro. *(Entra na casa depois de acender o lampião do alpendre, alumando assim os primeiros planos da cena.)*

## CENA VI

[GOUVEIA, só]

GOUVEIA (Só.) - Depois da cena de ontem, julguei que nenhuma explicação fosse possível entre mim e Alberto. Entretanto, estava a jantar no Globo, quando o criado me veio dizer que me chamava. Era o Alberto. Pedia-me que cá viesse depois jantar, e disposto a perdoar-lhe. E acrescentou: - Já tenho a explicação de tudo. É extraordinário! Ah! mulheres! Mulheres! Naturalmente Milu achou meios e modos de explicar a minha carta, e ele engoliu a pílula. Entretanto, ela fez mal em não me prevenir... posso escorregar... por isso hei de falar o menos que puder... E a entrevista de noite? Falta apenas uma hora e ele está em casa. Ei-lo.

## CENA VII

GOUVEIA e ALBERTO

ALBERTO - Não te mandei entrar porque aqui no jardim podemos conversar a gosto. Minha mulher está lá dentro entretida. Antes de mais nada, dá cá um abraço! Pobre Gouveia, que descompostura te passei, que coisas te disse! e como lá por dentro devias rir-te de mim. Tudo por causa de uma mulher. *(Abraça-o.)*



GOUVEIA (*Sem perceber.*) - É... é... tudo por causa...

ALBERTO - Desculpa, meu velho... eu não sabia nada... e tu compreendes... eu gostava dela... andava iludido...

GOUVEIA - É...

ALBERTO - Depois percebi que estavas combinado com o meu tio, se bem que lhe não falasse a teu respeito, e soube que a carta foi feita para ser entregue pelo moleque. Respirei. Também porque não disfarçaste a letra?

GOUVEIA - Ora.... para quê?

ALBERTO - Hás de convir que o moleque saiu-se perfeitamente... Lembrou-me o Mascarillo das *Preciosas ridículas* Entretanto, meu tio, um matuto lá dos sertões do norte da Bahia, nunca leu Molière.

GOUVEIA (*À parte.*) - Cada vez entendo menos!

ALBERTO - E sabes? Vou pôr no olho da rua o Barão de Pituaçu.

GOUVEIA - O Barão?

ALBERTO - Sim, não o quero em casa. Demais, há muito tempo que é livre. Nada! um sujeitinho destes não nos convém em casa. Estou desmoralizado. Com que cara queres tu que eu olhe para este moleque, que sabe tudo!

GOUVEIA - É, tens razão.

ALBERTO - Bem, agora que estamos de pazes feitas, vais fazer-me um favor. Hoje mesmo hás de entregar a Jeannette um anel de brilhantes que tenho em meu poder e lhe pertence.

GOUVEIA - Pois não.

ALBERTO - Não quero conservá-lo nem mais um momento em meu poder. Vou buscá-lo... está no meu gabinete escondido.

GOUVEIA - Sim.

ALBERTO - Mas não me falas senão por monossílabos. Olha que está tudo acabado,- homem de Deus! Esquece-te do que te disse ontem! (*Entra em casa. José aparece à direita, terceiro plano.*)

GOUVEIA e JOSÉ

GOUVEIA (Julgando-se só.) - Está doido.. - pobre rapaz, está doido... não diz coisa com coisa... O moleque... o Barão de Pituaçu... Molière... quem diria?... Agora começo a ter repugnância da tal entrevista... a mulher de um doido...

JOSÉ, (Aproximando, a meia voz.) - Senhor Doutor... iaiá mandou dizer que não se esqueça, às oito horas.

GOUVEIA - Ah! ela...

JOSÉ - Eu não sirvo para estas coisas, não senhor... obedeço por ser iaiá.

GOUVEIA - Mas Alberto está em casa...

JOSÉ - Qual! não tenha susto. Ioiô não fica em casa, não.

GOUVEIA - Bom! Toma lá mais cinco mil réis. (Dá-lhos.)

JOSÉ (À parte.) - Estes cinco são para mim. (Alto.) Muito obrigado! (Sai por onde entrou.)

GOUVEIA (Só.) - Isto está uma confusão de todos os diabos.

## CENA IX

GOUVEIA, ALBERTO, depois MILU

ALBERTO (*Entrando.*) - Aqui tens. Faze-me este favor hoje mesmo. A Jeannette tinha-me dado este anel para que eu mandasse mudar a gravação e eu esqueci-me.

GOUVEIA. - Queres, pois, que eu lhe entregue isto?

ALBERTO - Sim.

GOUVEIA - Não é preciso dizer-lhe mais nada?

ALBERTO - Nada... Que queres tu que eu diga à Baronesa de Pituaçu?

GOUVEIA - (À parte.) - Temos outra.

MILU (*Entrando.*) - Alberto, teu tio saiu?

ALBERTO - Parece que sim. Olha quem está aqui.

MILU - Ah! (Secamente.) - Boa-noite.

GOUVEIA - Boa-noite, Dona Milu... (*À parte.*) Que frieza! quanta dissimulação!.... Ah! mulheres. (*Alto.*) Até sempre.

ALBERTO - Já.

GOUVEIA (*Com intenção, olhando de soslaio para Milu.*)

- Tenho que ir.

ALBERTO - Não te detenho porque vou também sair.

GOUVEIA - Boa-noite - (*Indo apertar a mão de Milu, piscando-lhe os olhos.*) Boa noite.

MILU (*Admirada.*) - Boa-noite.

GOUVEIA (*À parte.*) - Quanta dissimulação! Ah! mulheres!... (*Sai.*)

## **CENA X**

ALBERTO e MILU

MILU - Tu vais sair?

ALBERTO - Não.

MILU - Pois não acabaste de dizer?...

ALBERTO - Para que ele se fosse embora mais depressa Quero estar só contigo. Vou refazer a nossa lua-de-mel. (*Senta-se ao lado dela.*)

MILU - Ora; Deus queira!

ALBERTO - Por que trataste o Gouveia com tanta frieza?

MILU - Ultimamente comecei a embirrar muito com ele.

ALBERTO - Por quê, coitado?

MILU - Não sei... antipatias súbitas, que não se explicam.

ALBERTO - Nem se discutem.

MILU (*Depois de uma pausa.*) - Vocês são muito amigos?

ALBERTO - Amigo é um modo de dizer. Eu estimo-o porque não tenho razão de queixa contra ele.

MILU - Conhece-o bem?

ALBERTO (*Dizendo por dizer.*) Conheço...

MILU (*Brincando com o anel de médico de Alberto.*) - Se te dissessem alguma coisa de mal contra ele, serias capaz de não crer?

ALBERTO - Conforme. Se me dissessem, por exemplo, que ele roubou o sino de São Francisco de Paula...

MILU - Isso não. - Mas se dissessem que ele namora senhoras casadas.

ALBERTO - Isso pode ser. O que não creio é que as senhoras casadas o namorem a ele. Coitado, nesse ponto é um pouco tolo, dizem, mas afinal de contas, os seus namoros são tão inofensivos...

MILU (*Deixando-lhe a mão.*) - Achas então que é digno de desculpa o sujeito que namora a mulher do seu amigo?

ALBERTO - Perdão, mas tu não me disseste que ele namorava a mulher de nenhum amigo...

MILU (*Depois de uma pausa.*) - E não crês que ele o faça?

ALBERTO - Homem, essas palavras! Dar-se-á o caso que o Gouveia?...

MILU (*Vivamente.*) - Não é de mim, nem de ti que se trata. (*Erguendo-se.*) Entretanto, fazes-me um grande obséquio se lhe fechasses a nossa porta.

ALBERTO - Milu, o Gouveia faltou-lhe ao respeito?

MILU - Não.

ALBERTO - Vejo pela tua cara que sim.

MILU - Ora! que tem a minha cara?

ALBERTO - Dize-me tudo!

MILU - Deus me livre!

ALBERTO - Então é certo que...

MILU - Tu zangas-te, fazes um escândalo e quem sofre sou eu.

ALBERTO - Não... juro-te que não me zangarei.

MILU - Ora, isso dizes...

ALBERTO - E faço. Acredita que usarei de toda a prudência. Que te disse ele?

MILU - Que me amava.

ALBERTO - Oh!

MILU - Aí está... vês? Eu não devia ter-te dito nada. Quanto mais se...

ALBERTO - Quanto mais o quê? Que mais fez, que mais disse esse homem?

MILU - Tudo.

ALBERTO - Tudo o quê?

MILU - Que tinhas uma amante.

ALBERTO - Miserável. (*Quer sair.*)

MILU - Alberto! (*Ele volta.*) Aí está! Aí está! Eu devia ficar calada. Se tudo te disse, foi para que conhecesses o amigo que recebes em tua casa.

ALBERTO - E eu, que o mandei chamar pelo telefone para pedir-lhe perdão e abraçá-lo.

MILU - Agora, vais procurá-lo, brigar com ele... dar um escândalo! E o meu nome virá à baila. E não de dizer por aí que eu fui a amante desse patife! No Rio de Janeiro essas coisas dizem-se com uma facilidade extraordinária! Não! Não quero que faças nada! (*Abraçando-o.*) Escreve-lhe uma carta muito simples, dizendo-lhe que tua mulher tudo te comunicou... e que lhe não cortas a cara a

chicote para não envolveres o meu nome num escândalo. Despede-o assim de tua casa e de tua amizade, e ama-me sempre, meu Alberto, sempre; tanto mais que... (*Chorando e rindo ao mesmo tempo. Bermudes aparece.*) Tanto mais que tenho uma grande noticia a dar-te... tu... eu... nós temos um filho!...

ALBERTO - Ah!

## CENA XI

ALBERTO, MILU, BERMUDES

BERMUDES (*Da esquerda.*) - Muito bem! Era isso o que faltava nesta casa! Bela noticia! Amanhã de manhã vou passar um telegrama à comadre. O diabo é se a noticia chega à Bahia depois da criança *nascê*. A comadre é que vai *pulá* de satisfeita! (*Abraçando a Milu.*) Nossa Senhora do Parto lhe dê uma boa hora, iaiá!

ALBERTO - Então? onde foi o passeio?

BERMUDES - Mal sabem vocês. Vim da casa do Ministro.

ALBERTO - Oh! foi à casa do Ministro?

BERMUDES - Fui, e bendita a hora em que o moleque me *aconseiou* que fosse... *Óie* que o *tá* seu *Doutô* Gouveia é um tratante muito desavergonhado. O Ministro nem conhece ele. O malandro há de me *dá* conta dos meus *papé*...

ALBERTO - Isso fica a meu cuidado!

MILU - Conte-nos.

BERMUDES - Eu fui. Bati. Veio um *sordado e preguntó* o que eu queria. *Falá* a sua *insolência*, o *Sinhô* Ministro. Sua *insolência* não fala a ninguém! *Apois*. E eu já ia me *arretirando*, quando o Ministro mesmo me chamou da janela. Subi, e ele *preguntou-me* o que desejava, mas que falasse depressa, porque ele estava muito atropelado. - Não diga isso, *Sinhô* Ministro: vossa *insolência* nunca viu atropelo. Atropelo é um *home* a cavalo, o cavalo empacado, a *muié* na garupa, uma criança no braço, o chapéu de *só* aberto, uma porteira rezinguenta, um charco *adiante*. Isso é que é atropelo. O Ministro começou a rir como um perdido e uns *home* que *tava* lá também *começou* a rir... e parece que foi por isso que me escutou com tanta atenção. O *Doutô* Gouveia nunca em sua vida falou ao Ministro, nem entregou a papelada a ele. Ele só conhece *Doutó Gouveia* de nome, e por *síná* que lhe fez umas *osenças* muito *feia*. Eu contei a

ele toda a minha questãozinha das *terra*. O *home* ficou irado e prometeu que *amenhá* mesmo tomaria as *porvidências*, e que eu fosse *na* Secretaria. Quando eu disse a ele que o *Doutô* Gouveia me pediu cem mil réis pra *dá* a um empregado, o Ministro deu um pulo na cadeira e disse que vai *proibi* pelas *foia* que o patife tenha entrada na repartição. (*Ouvem-se pancadas e gemidos.*)

OS TRÊS - Que é isto? que é isto?

## CENA XII

OS MESMOS e GOUVEIA, depois o FEITOR, o COZINHEIRO, depois JOSÉ

(*Gouveia atravessa a cena desancado, coxeando e sai correndo pela direita.*)

O FEITOR (*De pau em punho.*) Desculpe, Senhor *Doutore*, eu não sabia.

ALBERTO - O Gouveia! Que quer isto dizer?

O FEITOR - Aquele senhor entrou na chácara pelo portão dos fundos...

O COZINHEIRO - Nós supusemos que fosse um ladrão, e demos-lhe uma tunda de pau!

ALBERTO - Mas, expliquem-nos...

JOSÉ (*Entrando.*) Eu explico tudo, iaiá.

BERMUDES - Eu logo vi que era coisa deste moleque.

JOSÉ - Seu *Doutô Gouveia* me deu uma carta de namoro para eu *entrega* a iaiá.

MILU - A mim?

JOSÉ - Eu li a carta, e em vez de entregá-la a iaiá, entreguei-a certa pessoa que ioiô sabe quem é...

ALBERTO (*Tossindo.*) - Bem, bem...

JOSÉ - Mas eu respondi a carta, em nome da iaia, dando-lhe uma entrevista na chácara.

ALBERTO - Com que fim, demônio?

JOSÉ - Com o fim de lhe *arranja* a sova que ele levou e foi muito merecida.

ALBERTO - Olha que não me ficas nem mais um dia em casa!

BERMUDES - Eu tomo conta de ti, moleque. Quero te meter nos estudos - (*José vai cumprimentar o Feitor e o Cozinheiro.*) Vocês, meus *filho*, se *alembre* de que, numa *famia*, a confiança é tudo.

*Copla final*

BERMUDES

Há sempre em casa bonança,  
Sem uma *nuve siqué*,  
Quando existe confiança  
Entre o marido e *mute*.

CORO - Haja sempre confiança...

BERMUDES - *Apois*.

CORO - Entre o marido e *muié*.

(CAI O PANO)



## NOTAS:

### Tradução da Cena I:

*JEANNETTE - Vai-te embora, queridinho; já estás há três horas aqui. Tua mulher deve estar encucada.*

*ALBERTO - Eu te enfado.*

*J. - Oh! não! tu nunca me enfadas... mas enfim... tu deves preocupar-te com tudo... e com tua mulher.*

*A. - É minha mulher a dar-lhe!...*

*J. - Ademais, estou com uma enxaqueca horrível.*

*A. - Milu não está sozinha.*

*J. - Que quer dizer Milu?*

*A. - Milu... minha mulher. Estes dias está lá em casa um tio meu vindo da Bahia.*

*J. - Está bem, teu tio velho também notará tuas ausências e ficará de olho em ti.*

*A. - Será que não sou médico? Eu lhe direi como sempre digo a minha mulher, que estive na casa de um doente.*

*J. - Não acreditarão em ti. Tu não tens o rosto muito abatido, queridinho.*

*A. - Está bem! Vou-me embora. Até logo, Jeannette.*

*J. - Até, vou dormir...*

*J. - Tu ainda estás aí?*

*A. - Vou-me embora, mas carregarei um grande peso no coração.*

*J. - Ora por quê?*

*A. - Acho-te distante, acho-te um não sei quê que me provoca um efeito estranho. Tu não és a mesma do começo de nosso amor.*

*J. - Sou sempre a mesma Jeannette. Es tu que me olhas de outra forma.*

A. - *Dize-me que me amarás para sempre... e que teu coração não é de outro senão meu.*

J. - *Mas sim... mas sim... eu to repito sempre, queridinho. Sou toda tua e não tenho outro cuidado na alma. Ah!*

A. - *Muito obrigado. Essas palavras me fazem um bem...*

J. - *Adeus?*

A. - *Adeus!... Até?*

J. - *Quando quiseres, tu sabes...*

*Duetino*

A. - *Meu encanto, se te amo,  
-----Te amaria mais ainda  
-----Sem esta frieza extrema.*

J. - *Vai-te embora! vai-te embora! pois tua Jeannette dorme!*

A. - *Nos teus lábios, antes de ir-me embora,  
-----É preciso, Jeannette, que eu deposite  
-----Um doce beijo...*

J. - *Oh! não! não! não!  
-----Deixa-me pois!  
-----Pede-me outra coisa qualquer;  
-----No entretanto é preferível que tu  
-----Nada me peças.  
-----Vai-te embora! vai-te embora! pois tua Jeannette dorme!*

A. - *Eu vou, eu vou! adeus meu caro tesouro!*

J. - *Adeus!*

A. - *Pensa em mim!*

J. - *Pensarei em ti.*

A. - *Adeus!*

### **Tradução da Cena II:**

*[JEANNETTE (Só.)] - Oh! que cacete! Não tem cheta, esse pobre rapaz e será fineza ficar de boa fé junto a sua mulher. Esses senhores crêem-se amados por seus belos olhos, ou pela necessidade de se amar a um qualquer. Eh, não! não! não! Pra começo de conversa não vim ao Brasil para amar e ser amada... Quero enriquecer e voltar pra lá o mais depressa possível para buscar um marido. Que é que direi a minha velha mãe se ela não me vir voltar á França sem um dote? Quero um amante rico... velho como o mundo e safado como um mono, contanto que seja rico.*

### **Tradução das passagens francesas da Cena VI:**

*JEANNETTE - Queira sentar-se, Senhor Barão.*

*JOSÉ - Com prazer, senhora.*

*JE. - Conversei com este senhor que me falou tão bem do senhor.*

*JO. - Sim, senhora.*

*JE. - Esse senhor esse velho fazendeiro.. esqueceu-se. de me deixar seu nome.*

*JO. - Senhora, falo bem o francês, porém...*

*JO. - Obrigado. Diga logo.*

*JE. - Ele não fala francês.*

### **Tradução da Cena VII:**

*JEANNETTE - Vou levá-lo à porta.*

*ALBERTO - Não tenho conseguido suportar tua ausência. Eis-me aqui de novo. Como te amo!*

*J. - É um saco.*

*J. - Tu me enches! Terminemos... estou cansada de ti. Deixa-me em paz.*

*J. - Adeus.*

A. - *Que é que quer dizer isso?*

J. - *Quer dizer que eu tenho a cabeça no lugar! Deixa-me!*

J. - *Está bem, sim! Saiba-o logo: tenho um amante.*

A. - *Oh!*

J. - *Um senhor o qual prefiro a ti. Não quero mais homem casado. Tu és pobre e precisas de teu dinheiro para tua família... vê bem, sou franca... nunca te enganei... e não te engano agora.*

A. - *Isso é um...*

J. - *O que quiseres, em português ou em francês. Adeus, não queres sair? Então sou eu que saio.*